



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**  
**ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA**  
**DEPARTAMENTO DE TURISMO**



**MARCELA SOUZA DA SILVA**

**AFROTURISMO E HOSPITALIDADE EM OURO PRETO - MG**

**OURO PRETO - MG**  
**2026**

**MARCELA SOUZA DA SILVA**

**AFROTURISMO E HOSPITALIDADE EM OURO PRETO - MG**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito para a obtenção do título de bacharel em Turismo.

**Orientadora:** Profa. Dra. Luana Melo e  
Silva

**Coorientadora:** Me. Beatriz Flexa Ribeiro  
Proença Gomes da Silva

**OURO PRETO - MG**

**2026**



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Marcela Souza da Silva**

### **Afroturismo e hospitalidade em Ouro Preto - MG**

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel

Aprovada em 27 de fevereiro de 2026

#### Membros da banca

Dra Luana Melo e Silva - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Me Beatriz Flexa Ribeiro Proença Gomes da Silva (Universidade Federal de Lavras)  
Me Maria Fernanda Rodrigues de Castro (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Dra Kerley dos Santos Alves (Universidade Federal de Ouro Preto)

Luana Melo e Silva, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 30/03/2026



Documento assinado eletronicamente por **Luana Melo e Silva**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 30/03/2026, às 19:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1082728** e o código CRC **A3C5535D**.

Dedico esse trabalho à luta por uma sociedade mais justa e igualitária a todos, sendo mais calorosa, receptiva e hospitaleira a todas as pessoas.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pois sem Ele nada seria possível. Foi na fé que encontrei força nos momentos difíceis, serenidade nas incertezas e gratidão nas conquistas ao longo desta caminhada.

Aos meus pais, Márcio e Nélia, entrego um agradecimento que vem da alma: o apoio incondicional de vocês foi o alicerce que me sustentou, transformando obstáculos em conquistas e me levando até aqui com amor infinito.

A minha mãe meu eterno obrigada por cada gesto de ternura, por "comprar" minhas ideias mais malucas, por acolher meus sonhos mais audaciosos e por estar ao meu lado em cada passo – nas lágrimas, nas risadas, nos momentos de dúvida. Seu amor é o meu maior tesouro.

Ao meu amado pai agradeço sua confiança inabalável, o investimento generoso e o incentivo firme, mesmo no seu jeito durão que escondia um coração gigante, me deram asas para voar. Sua partida recente deixou saudades imensuráveis, mas carrego comigo a certeza de que continuo sendo guiada, protegida e incentivada por você, onde quer que esteja.

Aos meus irmãos, Thaís e Caio, um abraço apertado de gratidão pela parceria eterna: vocês são minhas luzes radiantes, minhas inspirações vivas, os que iluminam meus dias mais escuros e celebram cada vitória como se fosse deles.

Ao vovô Juca, meu obrigado do fundo da alma por ser o maior defensor da educação e meu incentivador incansável. Sua neta se formou! Seu legado de sabedoria e amor pulsa em mim para sempre.

Aos amigos inesquecíveis que cruzaram meu caminho em Ouro Preto, em especial às ex-alunas e moradoras da República Afrodite, minha segunda família, meu refúgio de alma. Os ensinamentos republicanos, as confidências noturnas, as risadas eternas e as memórias que aquecem a alma ficarão gravados para sempre!

Aos meus "Turismigos", eterna gratidão por tornarem esses 4 anos uma aventura leve e mágica! Entre estudos intensos, risadas intermináveis, trabalhos em equipe, campos inesquecíveis e estágios desafiadores, nossa parceria foi o fio que nos uniu, esse curso não seria o mesmo sem o brilho de vocês. À Bruna, minha alma gêmea, obrigada por cada apoio incondicional, por cada palavra de ânimo, por dividir choros e sorrisos: sem você, o estágio e esse último período não seriam o mesmo. Ao Ivan, meu parceiro de feira, gratidão pela sensatez sábia e pela parceria luminosa, é luz em minha vida!

À Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), expresso minha profunda gratidão pelo ensino de excelência que me formou como profissional. Aos professores do Departamento de Turismo (DETUR), agradeço formalmente pelos ensinamentos valiosos, pelas aulas inspiradoras e pelo dedicado esforço em nos guiar nessa jornada profissional. Em especial, à Prof<sup>ª</sup>. Dra. Luana, minha querida orientadora, meu reconhecimento eterno pelo apoio incansável, pela orientação precisa, pelo carinho genuíno e pela compreensão que me conduziram nesta bela jornada de pesquisa. Suas aulas, cheias de paixão e sabedoria, iluminaram meu caminho e jamais serão esquecidas.

À coorientadora Beatriz Flexa, apresentada pela Prof<sup>ª</sup>. Luana, estendo minha gratidão por aceitar caminhar junto nesta pesquisa, pelas contribuições fundamentais, pela disponibilidade, pelos direcionamentos e pelo cuidado com o desenvolvimento deste trabalho. Sua participação foi essencial para o amadurecimento desta construção acadêmica.

*Um sorriso negro, um abraço negro*

*Traz...felicidade*

*[...]*

*Negro é a raiz da liberdade*

— *Dona Ivone Lara*  
*na canção Sorriso Negro*

## RESUMO

O presente trabalho analisa a relação entre hospitalidade e afroturismo na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, investigando como as narrativas da população negra e escravizada são integradas ou invisibilizadas no cenário turístico local. O objetivo central é compreender o cenário turístico na cidade sob o viés do protagonismo negro. Buscamos identificar lacunas e compreender a dinâmica entre hospitalidade e acolhimento de pessoas negras em uma cidade cujo turismo se desenvolve a partir de uma leitura eurocêntrica focada no período colonial e na arquitetura barroca. O estudo fundamenta-se em pesquisa bibliográfica, ancorada em autores que discutem turismo, patrimônio, hospitalidade e afroturismo, bem como em uma abordagem quali-quantitativa, realizada por meio da aplicação de questionário estruturado. Os resultados indicam que a ampliação das narrativas negras no turismo e a integração entre hospitalidade urbana e afroturismo podem contribuir significativamente para o fortalecimento da identidade afro-brasileira, a diversificação da oferta turística e a promoção da sustentabilidade cultural do destino.

**Palavras-chave:** Afroturismo. Hospitalidade. Ouro Preto. Patrimônio afro-brasileiro. Turismo cultural.

## **ABSTRACT**

This study analyzes the relationship between hospitality and afrotourism in the city of Ouro Preto, Minas Gerais, investigating how narratives of the black and enslaved population are integrated or invisibilized in the local tourism scenario. The central objective is to understand the city's tourism landscape from the perspective of black protagonism. We seek to identify gaps and comprehend the dynamics between hospitality and the welcoming of black people in a city whose tourism develops from a Eurocentric reading focused on the colonial period and Baroque architecture. The study is based on bibliographic research, anchored in authors who discuss tourism, heritage, hospitality, and afrotourism, as well as a quali-quantitative approach, carried out through the application of a structured questionnaire. The results indicate that expanding black narratives in tourism and integrating urban hospitality with afrotourism can significantly contribute to strengthening Afro-Brazilian identity, diversifying the tourism offer, and promoting the cultural sustainability of the destination.

**Keywords:** Afrotourism. Hospitality. Ouro Preto. Afro-Brazilian heritage. Cultural tourism.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b> - Pontos de coleta do questionário no Centro Histórico de Ouro Preto - MG.....	45
--	----

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Representação do perfil étnico dos participantes.....	47
<b>Figura 2</b> - Representação do perfil de gênero dos participantes.....	47
<b>Figura 3</b> - Cidade de origem dos participantes.....	48
<b>Figura 4</b> - Estados brasileiro de origem dos participantes.....	48
<b>Figura 5</b> - Motivação dos turistas a visitar a cidade.....	49
<b>Figura 6</b> - Nuvem de palavras indicando os roteiros realizados, sendo em letras maiores os que mais se repetem.....	50
<b>Figura 7</b> - Representação da avaliação dos turistas em relação à receptividade na cidade.....	51
<b>Figura 8</b> - Nuvem de palavras representando as motivações dos respondentes, sendo em letras maiores os que mais se repetem.....	51
<b>Figura 9</b> - Representação do acesso ou contato dos visitantes aos equipamentos, roteiros ou atrações ligados a história da presença negra.....	52
<b>Figura 10</b> - Representação da satisfação dos visitantes com as atrações relacionadas à presença negra.....	53
<b>Figura 11</b> - Representação do acolhimento ao explorar os roteiros ligados à presença negra.....	53

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

GEM - Global Entrepreneurship Monitor

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMT - Organização Mundial do Turismo

Sebrae - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

Unesco - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1 AFROTURISMO E NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA: A CONSTRUÇÃO DO PROTAGONISMO NEGRO NO TURISMO.....</b>	<b>18</b>
1.1 A construção colonial na imagem africana no turismo global.....	18
1.2 Afroturismo: Concepção e Desenvolvimento.....	22
<b>2 HOSPITALIDADE.....</b>	<b>30</b>
2.1 Conceitos e revisão bibliográfica.....	30
2.2 Hospitalidade mineira e Ouro Preto.....	37
<b>3 METODOLOGIA E RESULTADOS DA PESQUISA.....</b>	<b>43</b>
3.1 Procedimentos Metodológicos.....	43
3.2 Resultados.....	47
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>59</b>

## INTRODUÇÃO

O turismo é uma das indústrias mais influentes e de maior crescimento no mundo, afetando economias, culturas e sociedades. No entanto, a maneira como diferentes grupos étnicos e culturais são representados e consumidos no turismo tem implicações profundas para a identidade e a valorização histórica de tais povos. Estudar o turismo no Brasil, em especial no Estado de Minas Gerais, é se deparar com a história da colonização portuguesa, do ciclo do ouro e com a influência da cultura africana na formação do povo e das famosas “cidades históricas”. Sem dúvidas, ao mencionar o tema, a cidade de Ouro Preto ganha destaque na discussão.

Ouro Preto foi a primeira cidade do Brasil a receber o título de Patrimônio Mundial da Humanidade pela Unesco<sup>1</sup>, carregando consigo a responsabilidade de conservação de seu patrimônio, história e cultura. Arelado a esse título, seu acervo cultural, arquitetônico e seu destaque no período colonial, são elementos de importância para determinação do seu potencial para a atividade turística e o desenvolvimento desse setor no município. A tradição de acolhimento dos mineiros não apenas complementa a beleza e a riqueza histórica de Ouro Preto, mas também reforça o vínculo entre o turista e a cidade. Esse aspecto da hospitalidade se torna essencial para a construção de uma experiência turística autêntica e envolvente, que contribui para a valorização do destino. Porém essa receptividade e acolhimento é para todos os grupos étnicos? Os atrativos turísticos da cidade estão voltados para todos os grupos presentes em sua formação?

Ouro Preto vai além do seu centro histórico tombado, além de Museu da Inconfidência, do Museu Casa dos Contos, das igrejas católicas barrocas, da elite que se encontrava nos arraiais de Nossa Senhora do Pilar e do Antônio Dias, Ouro Preto é também os bairros afastados e as periferias, é a população que vivia nas encostas dos morros, dos escravizados e dos seus descendentes. Desta forma, o turismo na cidade pode ir além do explorado atualmente, focado em uma leitura eurocêntrica de cidade, na arquitetura colonial, e na Inconfidência Mineira. Esta

---

<sup>1</sup> Em 5 de setembro de 1980, Ouro Preto se tornava a primeira cidade brasileira a receber da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) o título de Patrimônio Mundial Cultural. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/ouro-preto-mg-celebra-45-anos-como-patrimonio-mundial-da-humanidade>>. Acesso em: 18 dez. 2025

pesquisa mostra como é urgente a abertura de novas frentes no turismo de Ouro Preto pelo viés do afroempreendedorismo e do afroturismo.

A visita a Salvador, Bahia, realizada como atividade de campo na disciplina de Patrimônio da Diáspora Africana no Brasil, promoveu um importante aprimoramento do olhar crítico sobre processos histórico-culturais e suas representações no turismo. Ao relacionar algumas percepções entre a cidade visitada e a cidade de residência no momento, Ouro Preto, Minas Gerais, manifestaram-se diversas interrogações acerca de semelhanças e contrastes: como duas cidades formadas em contextos coloniais com significativa presença da mão de obra escravizada e de práticas culturais afrodescendentes apresentam hoje perfis turísticos e identitários tão distintos? Por um lado, Salvador tem ampliado o reconhecimento nacional e internacional como referência em afroturismo e cultura afro-brasileira, inclusive sendo premiada como Melhor Destino Criativo do Mundo pelo projeto Salvador Capital Afro, que valoriza a participação e as experiências de comunidades negras no turismo, superando 92 destinos globais nessa categoria<sup>2</sup>. Ouro Preto, por sua vez, é consolidada no imaginário turístico pelo seu patrimônio arquitetônico colonial, seu patrimônio artístico e religioso barroco. Diante dessa constatação e alinhada ao imaginário da hospitalidade, surgiu a necessidade de investigar como se manifesta a receptividade ao turismo afro em Ouro Preto, para, a partir desta avaliação, pensar possibilidades para o desenvolvimento desse segmento do turismo na cidade. O turismo afro ocorre de forma evidente? Os afrodescendentes são acolhidos com equidade e respeito em seus usos e significados culturais? Essa reflexão justifica a escolha do tema e fundamenta pessoalmente a presente monografia.

Assim, pretende-se, com este trabalho, compreender o turismo desenvolvido na região de Ouro Preto a partir da formação da cidade e a presença e influência das pessoas negras e escravizadas, indo além da narrativa de sofrimento e entendendo o legado de um povo com múltiplos conhecimentos, habilidades, culturas e histórias, mudando o foco da versão contada a partir da visão eurocêntrica voltada para o período colonial.

---

<sup>2</sup> Salvador ganha o título de Melhor Destino Criativo do Mundo. Disponível em: <[https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/salvador-ganha-titulo-de-melhor-destino-criativo-do-mundo-0124?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/salvador-ganha-titulo-de-melhor-destino-criativo-do-mundo-0124?utm_source=chatgpt.com)>. Acesso em: 17 out. 2025

Dessa forma, esta pesquisa aborda o tema da hospitalidade e do afroturismo na cidade de Ouro Preto, buscando compreender de que maneira as narrativas negras são incorporadas, ou invisibilizadas, nos espaços turísticos e nas práticas de acolhimento urbano. Para atingir tal objetivo, realizou-se uma pesquisa de natureza bibliográfica, fundamentada principalmente nos estudos de Souza (2022), Trigo e Panosso (2011), Ferreira e Casagrande (2018) e Nascimento (2019), que contribuem para a compreensão do turismo, do patrimônio e das dinâmicas socioculturais associadas ao afroturismo. No que se refere ao percurso conceitual da hospitalidade, o trabalho apoia-se nas contribuições de Mauss (2003), especialmente a partir da teoria da dádiva, bem como nos aportes teóricos de Camargo (2004), Lashley (2004) e Grinover (2006), que compreendem a hospitalidade como fenômeno social, relacional e simbólico.

A metodologia adotada caracteriza-se por uma abordagem quali-quantitativa, operacionalizada por meio da aplicação de um questionário estruturado. Essa escolha metodológica justifica-se pela necessidade de articular dados objetivos e percepções subjetivas dos participantes, permitindo uma análise mais ampla e integrada do objeto de estudo. Enquanto a pesquisa bibliográfica forneceu o embasamento teórico necessário à compreensão dos conceitos centrais, a etapa quantitativa possibilitou a aproximação empírica com a realidade local, subsidiando a interpretação das práticas e percepções relacionadas à hospitalidade e ao afroturismo em Ouro Preto.

O trabalho está organizado em três capítulos principais. No primeiro capítulo, apresenta-se a fundamentação teórica sobre hospitalidade e turismo, explorando conceitos centrais como o dar, receber e retribuir, bem como o papel da cidade histórica enquanto espaço de acolhimento e produção simbólica. O segundo capítulo dedica-se à discussão do afroturismo, traçando um panorama sobre o protagonismo negro, a memória afro-brasileira e as possibilidades dessa prática no contexto de Ouro Preto. Já no terceiro capítulo, realiza-se a análise dos dados coletados por meio do questionário, estabelecendo um diálogo entre a teoria e as percepções dos respondentes acerca da hospitalidade afro-orientada na cidade. Por fim, constata-se que a integração entre a hospitalidade urbana e as rotas de afroturismo contribui não apenas para o enriquecimento da experiência turística, mas também para o fortalecimento do resgate identitário e da sustentabilidade cultural do destino.

## **1 AFROTURISMO E NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA: A CONSTRUÇÃO DO PROTAGONISMO NEGRO NO TURISMO**

A diáspora africana tem influência significativa na formação das identidades culturais no Brasil e na indústria do turismo. Apesar disso, os estudos acerca da temática ainda são pouco pesquisados, sendo a África, os afrodescendentes e suas representações no turismo um tema fascinante que explora a interseção entre a história, cultura e turismo, destacando a influência significativa da diáspora africana na formação de identidades, culturas e na indústria do turismo. Porém, a realidade é distinta, no estudo do turismo, o negro e o afroturismo quase nunca é pesquisado. São poucos os trabalhos que abordam a temática, e menor ainda o número de trabalhos que analisam acerca dos empreendimentos que são geridos por essa parcela da população. Esse é um dado preocupante, uma vez que o Brasil é um país que possui a maior população negra fora da África e a segunda maior população negra do mundo. Desta forma, se faz necessário compreender melhor acerca da história da África e os negros no turismo.

### **1.1 A construção colonial na imagem africana no turismo global**

A África tem sido vista historicamente sob a lente da colonização e da exploração, e essas visões estão profundamente enraizadas na maneira como o continente e seus descendentes são vistos mundialmente. De uma forma geral, as narrativas sobre a África, tanto no Ocidente quanto em outras partes do mundo, têm sido influenciadas por estereótipos de pobreza, violência e um "passado primitivo". Essa representação reflete não apenas a história colonial, mas também a persistência de narrativas eurocêntricas que marginalizam as culturas africanas autênticas.

As representações da população negra no turismo também têm sido problemáticas, muitas vezes limitadas a uma visão de subordinação ou exotificação. Os afrodescendentes, tanto no Brasil quanto em outras partes do mundo, têm sido retratados de maneira redutora, sendo frequentemente associados a imagens de trabalho escravo, resistência, e, mais recentemente, a manifestações culturais que

são consumidas como espetáculo. Essa visão sobre o negro no turismo tem raízes profundas na escravidão e na sua resistência cultural, mas também é influenciada por um longo processo de marginalização, com limitações significativas para o protagonismo e a autonomia dessas populações nas narrativas turísticas. Autores como Oliveira (2022) e Ferreira e Casagrande (2018) já questionam em seus estudos a ausência de turistas negros nos espaços e equipamentos turísticos, reforçando o que Pertes (2021) classifica como espacialidade racial, ou seja, os corpos negros são vistos como “impróprios”, enquanto desfrutadores, para espaços turísticos.

Em uma pesquisa, realizada pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM)<sup>3</sup> juntamente com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), que revela as aspirações da população negra no Brasil, o desejo de viajar pelo país corresponde a 37% das respostas, ficando atrás apenas do desejo de comprar a casa própria (44%). Esse dado expõe de forma crítica o distanciamento da população negra ao lazer, sendo esse um desejo até superior aos bens materiais. De acordo com a pesquisa de Oliveira (2021), 73% dos turistas afro-brasileiros afirmam que gostariam de viajar mais, mas que se sentem desconfortáveis com a falta de representatividade e o tratamento desigual nas viagens. Isso mostra a necessidade urgente de políticas públicas que promovam a inclusão racial nas práticas turísticas, não só para garantir a igualdade de acesso aos espaços turísticos, mas também para respeitar e valorizar a identidade cultural negra.

Deste modo, entender o negro no turismo é um estudo complexo e extenso, sendo necessário analisar a ocupação desse grupo na sociedade, seus hábitos, oportunidades, postos de trabalho e diversos outros fatores que influenciam na vida e no cotidiano de grande parcela da população brasileira. Das poucas pesquisas na área, que buscam compreender a representação dos negros na atividade turística, conseguimos entender a forte influência do racismo, mesmo que de forma estrutural, na relação entre turismo, lazer e trabalho.

---

<sup>3</sup> Pesquisa disponível em:  
<<https://agenciasebrae.com.br/arquivo/sonho-de-empreender-e-mais-presente-entre-os-negros/>>.  
Acesso: 23 jun 2025

O turismo é um fenômeno social que implica o encontro com o outro, com o diferente, e que permite trocas de experiências e conhecimentos, mas que também, possibilita a segregação e a elitização, sendo uma luta constante por sua democratização do espaço e da atividade por todos. Nessa atividade ainda é nítido a existência de discursos etnocêntricos e repletos de hostilidades, assim possibilitando a presença do racismo cotidiano, institucional e estrutural. Podemos então, para entendermos melhor essa discussão, explicar o racismo “como a dominação sistemática de um grupo étnico por outro, tendo como premissa a categorização do grupo subordinado como inferior” (Oliveira, 2021). A autora ainda reafirma que o racismo é estrutural, institucional e cotidiano, sendo:

estrutural por excluir pessoas da maioria das estruturas sociais e políticas, de modo a privilegiar, manifestamente, os sujeitos brancos, de modo que os membros de outros grupos racializados ficam em uma desvantagem visível, isto é, fora das estruturas dominantes. Institucional por estar nas entranhas das instituições, como em sistemas e agendas educativas, mercados de trabalho, justiça criminal etc., também colocando os sujeitos brancos em vantagem em relação a outros grupos racializados. E cotidiano pelo fato de não serem experiências pontuais, ou seja, não são “ataques únicos”, mas sim um “padrão contínuo de abusos”, repetidos incessantemente em vários locais - como no ônibus, no supermercado, em festas e também em ambientes de lazer e de turismo. (Kilomba, 2019, s/p. apud Oliveira, 2021, p. 268).

Desta forma, entendemos como a construção do pensamento racista é estrutural, discursiva e não biológica, afetando grupos étnicos a todo momento e circunstância.

Entendendo um pouco sobre o racismo e tendo em vista o racismo institucional, Ferreira e Casagrande (2018) questionam onde estão os corpos negros na atividade e nos espaços turísticos, e já pontuando sobre as “confusões” que existem ao acharem que as pessoas negras nesses espaços são trabalhadores e não consumidores. Oliveira (2022) explica:

Uma pesquisa de Santos (2018) com 580 turistas afro-brasileiros mostra que 46,7% já vivenciaram e/ou presenciaram situações de racismo ou injúria racial em viagens nacionais e 21,3% em viagens internacionais. (...) em geral, os turistas afirmaram ter visto ou terem sido vítimas de: atendimentos diferenciados por serem negros; perseguições em estabelecimentos; agressão verbal; acusação de furto ou roubo; impedimento de entrar em ambiente; serem sempre “confundidos com funcionário”, “piadas”; ameaças; condição financeira questionada; pertences revistados sem motivo comprobatório”, “depreciação do cabelo”; “inospitalidade”; exotização; hiperssexualização. (Oliveira, 2022, p. 270)

Essas experiências de racismo nas viagens da população negra evidenciam a persistência de estigmas e discriminação racial, mesmo em um ambiente que, teoricamente, deveria ser inclusivo e acolhedor. Segundo Silva e Reis (2017), o racismo institucional no turismo não se limita apenas às interações cotidianas, mas também está presente nas políticas de promoção e na forma como os destinos turísticos são estruturados, muitas vezes ignorando ou marginalizando as histórias e contribuições dos povos negros. Para além da responsabilidade institucional, é de suma importância refletir sobre o papel da mídia e da indústria cultural na construção de uma "imagem exótica" associada ao corpo negro. Oliveira (2022) pontua:

O discurso publicitário é uma parte da cultura de uma sociedade e apresenta valores, hierarquias sociais, relações de poder e definições sociais da realidade, vendendo, mais que produtos, estilos de vida, padrões de conduta, visão de mundo e, obviamente, a ideologia do sistema econômico que o investimento publicitário representa. (Oliveira, 2022, p. 271)

Como aponta Nascimento (2019), a exotização da negritude, embora aparentemente uma forma de reconhecimento cultural, muitas vezes resulta em uma representação distorcida que desumaniza e objetifica os indivíduos afrodescendentes, tratando-os mais como figuras de entretenimento ou curiosidade do que como sujeitos plenos. Esse processo de exotização pode reforçar uma visão de inferioridade ou de "outro", dificultando a plena inclusão de afrodescendentes como turistas autênticos, com seus próprios direitos e preferências.

A discriminação no turismo no Brasil não se limita apenas às atitudes de hostilidade aberta ou agressiva, mas também se manifesta por meio da marginalização e invisibilidade dos afrodescendentes nos espaços turísticos. Conforme afirmam Silva e Almeida (2019), embora a população negra seja majoritária em algumas regiões turísticas do Brasil, sua representação nas atividades turísticas e nas imagens promocionais dos destinos ainda é insuficiente e estereotipada, quando não completamente ausente. Essa invisibilidade nos materiais de divulgação contribui para a manutenção da ideia de que o turismo de massa é um espaço dominado por turistas brancos, enquanto os negros são estigmatizados, muitas vezes, como trabalhadores do setor, em vez de consumidores e sujeitos de suas próprias experiências de lazer. Vale destacar também que o turismo de massa no Brasil frequentemente exclui o povo negro das

experiências de protagonismo e pertencimento. Segundo Souza e Costa (2020), ao focar em destinos turísticos majoritariamente brancos, como nas “cidades históricas” em Minas Gerais e São Paulo, o Brasil acaba reforçando uma visão eurocêntrica do lazer e da cultura, sem reconhecer as contribuições significativas da população negra para o turismo e a cultura nacional. De acordo com dados do IBGE (2021), a população negra (pretos e pardos) corresponde a cerca de 56% da população brasileira, mas sua presença nos setores de liderança e decisão do turismo é escassa.

Além do aspecto de opressão, as narrativas de resistência também emergem em meio a essas adversidades. Em muitos contextos, os afrodescendentes têm utilizado o turismo como uma forma de afirmação de identidade e valorização de suas culturas. De acordo com Souza (2020), o turismo é visto por muitos como uma oportunidade de retomar a narrativa histórica e de reapropriação de espaços que, historicamente, foram excluídos. Nesse sentido, as iniciativas de turismo de base comunitária, o turismo étnico-cultural e o afroturismo, por exemplo, têm se destacado como alternativas ao turismo tradicional, proporcionando um ambiente mais igualitário e representativo.

## **1.2 Afroturismo: Concepção e Desenvolvimento**

Uma vertente do turismo cultural, o afroturismo trata do turismo com base em comunidades negras, que envolve experiências de turismo afrocentradas e busca evidenciar a participação negra na formação da nossa sociedade. Esse segmento é interseccional, podendo ser realizado no meio rural ou no meio urbano, com diferentes olhares sobre a história da África e da cultura afro-brasileira. Essa forma de turismo se apresenta como uma maneira de conhecer, reviver, experienciar e valorizar a cultura, a religiosidade e a história da população negra no Brasil.

O afroturismo, segundo Souza (2022), é uma perspectiva do turismo cultural juntamente com o turismo étnico e com o turismo de base comunitária, é aquele em que o objetivo se destaca por resgatar e valorizar a história de comunidades locais, como forma de fugir do turismo de massa. Ele é composto de profissionais do setor do turismo e que atuam no mercado como forma de particularizar e trabalhar

unicamente com a história, a cultura e as comunidades afro-brasileiras. Esse segmento tem como objetivo fazer com que os afro-americanos e latinos não estejam apenas na cadeia de prestação de serviço, mas que também sejam viajantes, desta forma:

[...] englobando não só as práticas de lazer e turismo afrocentradas, mas também para destacar protagonismo dos profissionais negros no mercado de turismo, seja nas agências de viagens, rede hoteleira, guias turísticos, profissionais de transporte, restaurantes e toda a cadeia de fornecedores e empresários impactados com essa prática, além de abordar a emergência das comunidades quilombolas e das periféricas majoritariamente negras em desenvolverem roteiros e experiências nessas localidades. (Souza, 2022, p. 14)

Trigo e Panosso (2011) destacam que o afroturismo depende de uma compreensão histórica, cultural, social, econômica e política da negritude no cenário brasileiro, especialmente do que significou o processo de escravidão até 1888. Diante dessa colocação é necessário um olhar crítico, mas também empático para toda uma população que foi, durante séculos, submetida a um tratamento desigual provocado pelo racismo sistêmico do regime escravocrata. “O problema que antecede qualquer planejamento ou organização de roteiros étnicos afro no Brasil refere-se à compreensão das culturas negras no país, em virtude de suas diversas origens africanas.” (Trigo; Panosso, 2011, p. 2). Como destacado por Souza (2022), o afroturismo é interseccional, seus roteiros não abarcam apenas histórias de comunidades negras tradicionais, mas também todo um legado vivo e contínuo das manifestações da cultura negra até a atualidade. “O afroturismo é sobre a ancestralidade, sobre o presente e, principalmente, sobre o futuro.” (Souza, 2022, p.29).

Desta forma, de acordo com Solange Cristina (2018), especialista em Afroturismo, Historiadora e idealizadora da Rota da Liberdade – Programa Cultural e Turístico de Mapeamento da Diáspora Africana na RM Vale do Paraíba/SP, neste ano é consolidado o Afroturismo no setor turístico brasileiro<sup>4</sup>, começando a se estruturar como parte do mercado e da oferta turística.

Embora consolidado recentemente, o segmento encontra raízes no *Black Travel Movement* e em iniciativas brasileiras, voltadas para a cultura afro-brasileira,

---

<sup>4</sup> Artigo publicado nas seções de “Artigos” e “Turismo Social e Comunitário”, na revista digital da WTM Global Hub . Disponível em: <[https://hub.wtm.com/pt/artigos/turismo-social-e-comunitario/afroturismo-uma-tendencia-mundial/?utm\\_source=chatgpt.com](https://hub.wtm.com/pt/artigos/turismo-social-e-comunitario/afroturismo-uma-tendencia-mundial/?utm_source=chatgpt.com)>. Acesso em: 26 mar. 2025

iniciadas antes mesmo de 2006. Nesse contexto, destaca-se a criação do Programa Cultural e Turístico Rota da Liberdade<sup>5</sup>, lançado em 2006 na cidade de Sorocaba, no interior de São Paulo. Logo após, iniciativas semelhantes foram implementadas em outros estados brasileiros, como na Bahia, com o Programa de Turismo Étnico com recorte afro, e em Minas Gerais, onde foram oficializados roteiros educativos sobre a cultura negra, com foco nas cidades de Ouro Preto, Tiradentes e Mariana.

A consolidação do afroturismo no Brasil, para além de sua relevância econômica e mercadológica, estabelece um compromisso ético com a reconstrução da identidade nacional e da preservação de bens. Desta forma, Beni (1998, p.157 apud Cardozo, 2006, p. 22) pontua ser “primordial salvaguardar esses elementos se os governos quiserem que os produtos turísticos tenham uma continuidade no tempo e não sejam apenas um capricho da moda, nocivo ao interesse nacional”, ou seja, é através do (afro)turismo que há um meio de proteger e salvaguardar as manifestações culturais, uma vez que se tornam produtos para a atividade turística, e assim bens ainda mais essenciais do que se apresentam.

Ao estruturar roteiros que privilegiam a narrativa negra, o segmento deixa de ser apenas um produto de consumo para se tornar um veículo de preservação histórica. Nesse contexto, a prática turística encontra suporte teórico fundamental no conceito de "Lugares de Memória" (*Lieux de Mémoire*), desenvolvido pelo historiador francês Pierre Nora (1993).

Lugares de memória são quaisquer elementos, físicos ou simbólicos, que servem para preservar e transmitir a memória coletiva de um determinado grupo ou nação. Segundo Nora (1993), esses lugares não são apenas locais geograficamente identificáveis, mas também podem ser práticas, festas, objetos, textos ou até mesmo ideias que guardam uma relação com o passado e desempenham um papel na construção da identidade coletiva. Em sua obra, ele argumenta que, no contexto moderno, com a perda de uma "memória viva" que ocorre com o avanço da história, as sociedades recorrem a esses lugares para tentar garantir que certos elementos da memória histórica sejam preservados. Essa memória é muitas vezes "construída" e "institucionalizada", e não mais transmitida de forma espontânea pelas gerações.

---

<sup>5</sup> Programa Cultural e Turístico Rota da Liberdade, fruto de uma parceria entre a Secretaria de Estado do Turismo de São Paulo e a empresária Solange Barbosa, com o objetivo de mapear e promover roteiros relacionados à diáspora africana e à cultura afro-brasileira na Região Metropolitana do Vale do Paraíba. Disponível em: <<https://rotadaliberdade.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 26 mar. 2025.

Lima e Thomazi (2021) destacam a importância desses lugares para dar visibilidade e sanar uma dívida aos que por séculos foram oprimidos e silenciados. Mattos, Abreu e Guran (2014) apontam a importância dos lugares de memória como estratégias para dar visibilidade a temas sensíveis: “através da visita dos locais de memória não só consolidava novas formas de rememoração (...), mas também abria caminhos de sustentabilidade para os grupos que sofriam o peso do estigma de serem descendentes de antigos escravizados.”

Os lugares de memórias, importantes atrativos para o afroturismo, pode ser abordado em diferentes contextos. Na estratégia da resistência e da luta por justiça social, autores como Paul Ricoeur (2004) discutem como certos lugares se tornam símbolos de resistência contra opressões históricas, como a escravidão, o colonialismo e o racismo. Para ele, a memória pode ser um elemento que restitui identidades e reconstrói narrativas silenciadas. Estudos de Márcia Dias (2016) apontam que muitos lugares de memória relacionados à resistência negra no Brasil são integrados ao mercado turístico, mas com um desafio constante de manter a autenticidade da experiência cultural e histórica. Na construção da identidade nacional, José D'Assunção Barros (2002) amplia a discussão de Nora (1993), abordando como os lugares de memória podem ser utilizados para validar uma narrativa oficial sobre a história de um país, como ocorre com monumentos nacionais e museus. Para Barros (2002), a memória coletiva construída nos lugares de memória não é neutra, mas é sempre influenciada por processos políticos e sociais, refletindo as tensões de diferentes grupos e seus papéis na história nacional.

Na dinâmica do esquecimento, esses lugares são marginalizados, apagados ou até esquecidos intencionalmente. Michel Foucault (1977) discute como a memória e o esquecimento são instrumentos de poder, sendo que certos grupos ou eventos podem ser removidos da memória coletiva em função de processos políticos e sociais que buscam consolidar um determinado ponto de vista ou ideologia. Portanto, os lugares de memória não são estáticos nem exclusivos. Eles podem ser materiais, imateriais, ou até simbólicos, e sua compreensão se amplia à medida que novos contextos históricos, sociais e culturais são incorporados às discussões. O papel dos lugares de memória é fundamental na preservação da identidade coletiva, na valorização das culturas marginalizadas, e na mobilização

política. Esses lugares têm uma relevância educativa e transformadora, funcionando também como espaços de reflexão e resistência.

A recuperação histórica, proporcionada pelo afroturismo, é fundamental para fortalecer as comunidades afrodescendentes, afinal pessoas que pertencem a esses grupos muitas vezes vivem à margem da sociedade, sendo vítimas de um racismo estrutural e da ausência de políticas públicas eficazes para promover sua inclusão social e cultural. O afroturismo contribui para mudar essa realidade, não só incentivando o turismo em áreas predominantemente negras, como as periferias urbanas e os quilombos, mas também possibilitando que as próprias comunidades se tornem protagonistas. Ao desenvolverem seus próprios roteiros, guias e experiências turísticas, essas comunidades ganham autonomia e, ao mesmo tempo, acesso a uma fonte de renda que pode ser revertida para a manutenção de sua cultura e para o fortalecimento social local, promovendo, como destaca Du Evangelista (2021), "o empoderamento da população negra; [...] ao gerar novas oportunidades de trabalho e renda". Ou seja, o afroturismo também é uma ferramenta de empoderamento, dando visibilidade à cultura negra e proporcionando oportunidades econômicas para as comunidades que delas fazem parte, contribuindo para a construção de uma identidade positiva e forte.

Desta forma, para entender melhor o afroturismo é essencial entender também a realidade desse mercado, que muitas das vezes é marcado pelo racismo estrutural, principalmente no cenário brasileiro. Na última década vem crescendo o número de atrativos voltados para o segmento do afroturismo, mas que por muito tempo ficou apagado e esquecido na história, fruto de uma narrativa, considerada oficial, numa versão eurocêntrica e de embranquecimento:

o racismo estrutural impõe uma narrativa histórica e patrimonial dada como "oficial", que apresenta a história dessa população sempre numa versão embranquecida e eurocêntrica, perpetuando os apagamentos sobre a contribuição dos povos negros e originários que foram base para a construção do Brasil. (Souza, 2022, p. 8)

Portanto, diante dessa pontuação, entende-se que o processo de consolidação do afroturismo é fruto de resistências históricas, inclusive contra o racismo estrutural que moldou o setor. Segundo uma pesquisa realizada pela AFAR Ventures, uma empresa especializada em consultoria de diversidade, em 2021, cerca de 32% dos turistas brasileiros (autodeclarados negros) se sentiram pouco representados nas campanhas de marketing do setor de turismo. Pesquisa

realizada pela Instituto Data Popular em 2020 revelou que 44% dos negros brasileiros têm o desejo de consumir mais produtos culturais que representam suas origens, indicando uma oportunidade significativa para o afroturismo crescer no país. Esses números evidenciam não apenas uma demanda reprimida, mas a urgência de um mercado mais inclusivo que responda ao anseio de uma população que, por muito tempo, foi invisibilizada como consumidora e protagonista.

Em resposta a esse cenário e alinhando-se às diretrizes globais de sustentabilidade e inclusão, a Organização Mundial do Turismo (OMT) tem fomentado políticas que posicionam o turismo étnico como um pilar de desenvolvimento econômico e social. Seguindo essa tendência, o afroturismo deixou de ser um nicho para se tornar uma prioridade estratégica. Em 2019, o turismo cultural já representava 37% do mercado global, com uma fatia crescente voltada para roteiros que exploram a herança africana, a história da resistência e a influência afro-brasileira na culinária, arte e religiosidade. De acordo com a Unesco, essa riqueza cultural é hoje o principal motor turístico de destinos como Salvador, Recife e Rio de Janeiro. No Brasil, o setor já demonstra ser um gigante econômico: estima-se que o turismo vinculado à cultura afro-brasileira possa injetar mais de R\$15 bilhões anuais na economia. Mais do que números, essas políticas recentes buscam o fortalecimento de comunidades históricas, como os quilombos, transformando o afroturismo em uma ferramenta de reparação histórica e emancipação financeira para populações tradicionalmente excluídas.

Mais recentemente, o turismo voltado à cultura afro-brasileira ganhou novo impulso no Brasil com a criação do Programa Rotas Negras<sup>6</sup> em novembro de 2024, instituído por meio do Decreto nº 12.277/2024 e coordenado pelo Ministério do Turismo em parceria com o Ministério da Igualdade Racial e outras instituições governamentais, que tem como objetivo fortalecer o afroturismo por meio da valorização da ancestralidade africana e afro-brasileira, promovendo o desenvolvimento sustentável das comunidades negras e ampliando seu protagonismo socioeconômico e cultural. Importante mencionar que desde então, para atingir esse objetivo, o programa destaca como algumas das suas ações o Guia Afroturismo no Brasil, o Diagnóstico de Políticas Públicas de Afroturismo no

---

<sup>6</sup> Mais informações publicadas pelo Ministério do Turismo, disponível em: <<https://www.gov.br/turismo/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obras-e-atividades/afroturismo>>. Acesso em: 27 jul. 2025

Brasil, o Mapeamento do ecossistema do Afroturismo, e a realização da Oficina “Promoção e Consolidação do Afroturismo no Brasil” e do Seminário "Afroturismo e a luta contra a discriminação racial".

Em Ouro Preto, o Circuito Palma Preta<sup>7</sup> é um projeto que visa a valorização da presença e das contribuições da população africana e afrodescendente na formação histórica, cultural e econômica da cidade. O projeto é um circuito alternativo e afroturístico que propõe experiências guiadas pela cidade além do roteiro convencional, ressignificando a história local e dando voz às narrativas da população negra que tradicionalmente foi marginalizada, assim contribuindo para que Ouro Preto seja visto não apenas como um Patrimônio Histórico da Humanidade do ponto de vista arquitetônico, mas também como patrimônio cultural do povo negro. Deste modo, o afroturismo é incentivado na cidade através de narrativas centradas no protagonismo negro; em roteiros educativos que conectam turismo, identidade e memória histórica; nas experiências que favorecem a reflexão crítica sobre patrimônio cultural, ressignificando lugares e histórias; e na promoção de um turismo sustentável e inclusivo, visando um marco social e cultural positivo.

Em vista dos aspectos observados, entende-se, então, que o afroturismo se configura como um instrumento vital de valorização e resgate cultural, estruturando experiências centradas na legitimidade das tradições, religiosidades e rituais afro-brasileiros. Ao conferir visibilidade a manifestações que historicamente enfrentaram perseguições e distorções em uma sociedade pautada pela negação de suas raízes africanas, esse segmento não apenas celebra a herança negra, mas a projeta como protagonista no cenário público.

Para além do fortalecimento da identidade, a capilaridade do afroturismo gera impactos positivos que interconectam economia, educação e sustentabilidade. Trata-se de uma resposta política ao racismo institucional do setor turístico tradicional; ao incentivar o empreendedorismo negro e a gestão comunitária de roteiros, o afroturismo promove uma "descolonização" do setor. Nesse novo paradigma, as comunidades negras deixam de ser objetos do olhar estrangeiro para se tornarem produtoras de suas próprias narrativas e experiências autênticas.

---

<sup>7</sup> Sobre o Circuito e as atividades que desenvolvem disponíveis no site: <<https://www.palmapreta.com.br/>>. Acesso em: 15 jan 2026

Por fim, a dimensão internacional do afroturismo consolida sua importância como elo entre o Brasil e a diáspora africana. O crescente interesse de turistas globais por roteiros de resistência reforça o potencial desse segmento em reconciliar memórias e criar novas narrativas de orgulho e pertencimento transnacional. Portanto, o afroturismo não deve ser entendido apenas como uma vertente econômica, mas como uma poderosa ferramenta de transformação social e reparação histórica. Ao confrontar a hegemonia eurocêntrica e dar voz às histórias marginalizadas, ele oferece ao Brasil a oportunidade de corrigir injustiças seculares e caminhar em direção a um futuro onde a diversidade seja, efetivamente, o pilar da construção nacional.

## 2 HOSPITALIDADE

A hospitalidade é um conceito central para o campo do Turismo, sendo compreendida tanto como prática social quanto como experiência vivida por anfitriões e hóspedes. Historicamente, ela esteve ligada a valores culturais de acolhimento, proteção e generosidade, assumindo diferentes formas de acordo com o contexto social e temporal.

No cenário contemporâneo, a hospitalidade extrapola o âmbito doméstico e passa a ser estruturada em ambientes comerciais, como hotéis, restaurantes, meios de transporte e outros serviços que integram a cadeia turística. Além de sua dimensão funcional, ligada ao atendimento e à infraestrutura, a hospitalidade envolve aspectos simbólicos e emocionais, pois está associada à sensação de pertencimento, bem-estar e reconhecimento do outro.

Assim, compreender a hospitalidade implica analisar não apenas as práticas organizacionais do setor, mas também os vínculos humanos que sustentam as relações de acolhimento. Este capítulo tem como objetivo discutir os principais conceitos, dimensões e interpretações da hospitalidade, situando-a como elemento fundamental para a experiência turística e para a construção de relações sociais mais amplas.

### 2.1 Conceitos e revisão bibliográfica

A hospitalidade é um conceito muito mais antigo que o turismo, palavra que deriva do latim *hospitalitas*, associada ao ato de acolher, recepcionar, oferecer abrigo, alimento e cuidado, sendo historicamente vinculada a valores como amabilidade, generosidade e proteção ao outro (Camargo, 2004; Grinover, 2006). Sua prática remonta às primeiras organizações sociais, quando receber estrangeiros ou viajantes era visto como um dever moral e religioso. Na Grécia Antiga, por exemplo, a *Xenia* (hospitalidade sagrada) era uma obrigação regida por *Zeus Xenios*, protetor dos forasteiros, estabelecendo laços de reciprocidade e respeito entre anfitrião e hóspede (Camargo 2004).

Durante a Idade Média, a hospitalidade manifestou-se sobretudo em mosteiros, hospícios e ordens religiosas, que acolhiam peregrinos e viajantes

motivados pela fé, pelo comércio ou pela necessidade de deslocamento, reforçando o caráter caritativo e comunitário do acolhimento (Lashley, 2004; Grinover, 2006). Dessa forma, a hospitalidade esteve historicamente associada a valores simbólicos e éticos que regulavam as relações humanas, fundamentadas na proteção ao estrangeiro e na construção de vínculos sociais, configurando-se como uma prática social anterior à institucionalização das viagens turísticas.

Na contemporaneidade, com a modernidade e o avanço das sociedades capitalistas, o ato de acolher o visitante passou por um processo de ressignificação. Se, anteriormente, a hospitalidade estava fortemente vinculada a uma obrigação moral, a intensificação das relações mercantis e a consolidação das viagens como atividade econômica contribuíram para sua progressiva profissionalização.

Nesse contexto, a hospitalidade desloca-se parcialmente do âmbito da dádiva para o da troca econômica, sem, contudo, perder totalmente seus fundamentos simbólicos e relacionais. Ainda assim, como destaca Lashley (2004), mesmo na hospitalidade comercial, permanecem valores herdados das práticas tradicionais de acolhimento, fundamentais para a construção de experiências positivas e para o sentimento de bem-estar dos visitantes. Esse conceito amplia-se, passando a integrar não apenas os aspectos econômicos e funcionalistas, mas também para as interações sociais e suas nuances.

Nesse percurso conceitual, destacam-se os seguintes autores clássicos para a compreensão da hospitalidade como Mauss (2003) e Camargo (2004). O antropólogo francês Marcel Mauss (2003), a partir da Teoria da Dádiva, compreende a hospitalidade como expressão de uma “lei não escrita” que estrutura as relações sociais por meio da tríade dar, receber e retribuir, evidenciando que tais práticas se opõem à lógica estritamente mercantil, embora constituam a origem das trocas sociais. Camargo (2004) define a hospitalidade como um conjunto de práticas de acolhimento que se manifestam em diferentes espaços: doméstico, social, comercial e público, destacando sua dimensão cultural e simbólica. “Há, nas coisas dadas, uma força que faz com que sejam devolvidas; dar, receber e retribuir são obrigações que se impõem aos indivíduos e aos grupos.” (Mauss, 2003, p. 203).

Esses atos não devem ser interpretados como gestos livres ou voluntários, mas como obrigações morais profundamente enraizadas nas culturas humanas, responsáveis por criar e manter vínculos sociais duradouros. É na dádiva que se encontra a origem das trocas sociais, uma vez que as primeiras formas de intercâmbio entre os grupos humanos não estavam dissociadas das relações sociais, simbólicas e afetivas.

Diferentemente da troca mercantil moderna, baseada na equivalência econômica e na racionalidade utilitária, a dádiva envolve um conjunto de obrigações morais que conferem sentido às relações humanas, estabelecendo vínculos duradouros entre indivíduos e coletividades. Conforme afirma o autor, “não se trata de indivíduos, mas de coletividades que se obrigam mutuamente” (Mauss, 2003, p. 189), evidenciando que a troca, nesse contexto, é antes de tudo um fenômeno social total.

Nesse sentido, a hospitalidade pode ser compreendida como uma manifestação concreta da dádiva, na qual o oferecimento de abrigo, alimento e acolhimento cria uma dívida simbólica que não exige retribuição imediata ou material, mas reforça a reciprocidade, a confiança e a coesão social. Ao acolher o outro, o anfitrião estabelece uma relação que transcende a materialidade do gesto, produzindo reconhecimento social e fortalecendo os laços comunitários. Essa perspectiva antropológica permite compreender práticas tradicionais de acolhimento, como fenômenos sociais complexos, nos quais o ato de receber ultrapassa a dimensão utilitária e assume papel central na construção das relações humanas, da identidade coletiva e das formas locais de sociabilidade.

Já para Camargo (2004, p. 15), a hospitalidade deve ser entendida como “um ato humano de acolher, receber, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seus lares”, sendo compreendida como um fenômeno social e cultural que extrapola o simples ato de oferecer serviços de hospedagem ou alimentação. Assim, historicamente, a hospitalidade esteve ligada à ética do acolhimento e à obrigação moral de receber estrangeiros, viajantes ou necessitados, constituindo-se como base sobre a qual o turismo moderno viria a se estruturar. Nesse sentido, a hospitalidade não se restringe à relação comercial entre

anfitrião e hóspede, mas expressa-se também como valor humano e como código de conduta que estabelece vínculos de confiança, respeito e cuidado com o outro.

Para o autor, hospedar significa estabelecer uma relação de troca entre quem recebe e quem é recebido, marcada por valores como generosidade, respeito, reciprocidade e reconhecimento do outro como sujeito:

A hospitalidade é o anfitrião que recebe o hóspede, mas é também o hóspede que recebe o anfitrião. É um jogo de espelhos onde a identidade de um se constrói no olhar do outro (Camargo, 2004, p. 52).

Camargo (2004), ainda a define como um conjunto de práticas de acolhimento que se manifesta tanto no âmbito privado quanto no público, envolvendo dimensões materiais e simbólicas. O autor evidencia que o ato de hospedar não se restringe a um único espaço nem se reduz à oferta de bens ou serviços: “a hospitalidade praticada no espaço da casa constitui a forma mais elementar e simbólica do acolhimento” (Camargo, 2004, p. 51), pois envolve gestos como oferecer abrigo, alimento e cuidado, carregados de significados culturais e afetivos que ultrapassam a materialidade do ato, ou seja, no âmbito privado, a hospitalidade está associada às relações interpessoais estabelecidas no espaço doméstico, onde o acolhimento se fundamenta na gratuidade, na pessoalidade e na construção de vínculos sociais.

Já no âmbito público, a hospitalidade assume uma dimensão coletiva e institucional, relacionada às condições oferecidas pela cidade e pelo poder público para receber e integrar indivíduos, sejam eles moradores ou visitantes. Nesse sentido, o autor destaca que “a hospitalidade pública diz respeito às condições que a cidade e o poder público oferecem para acolher bem seus habitantes e visitantes” (Camargo, 2003, p. 21), o que inclui não apenas infraestrutura e serviços, mas também valores simbólicos como pertencimento, acesso e reconhecimento social. Assim, ao articular os âmbitos privado e público, o autor demonstra que a hospitalidade envolve simultaneamente dimensões materiais, como espaço, infraestrutura e serviços, e dimensões simbólicas, relacionadas às normas sociais, aos rituais de acolhimento e à forma como o outro é reconhecido e integrado nos diferentes contextos sociais.

A hospitalidade social manifesta-se nos espaços coletivos da vida em sociedade, como festas, celebrações religiosas, eventos culturais e encontros comunitários. Diferentemente da hospitalidade doméstica, ela ocorre fora do lar, mas ainda preserva o caráter relacional e simbólico do acolhimento: “A hospitalidade social acontece nos espaços intermediários entre o privado e o público, onde o acolhimento se dá em nome da convivência e da sociabilidade” (Camargo, 2003, p. 19).

A hospitalidade contemporânea tem sido compreendida como um fenômeno multidimensional, que ultrapassa a mera prestação de serviços e se insere em uma lógica relacional, simbólica e experiencial. Nesse contexto, destaca-se a contribuição de Gotman (2001; 2009), que aborda a hospitalidade como prática social estruturada por regras, trocas e obrigações simbólicas entre anfitrião e hóspede. Complementarmente, Appadurai (1996) relaciona cultura e globalização, evidenciando como os fluxos culturais influenciam as formas de acolhimento, enquanto Bauman (2003; 2007) problematiza as relações humanas na modernidade líquida, refletindo sobre pertencimento, alteridade e as fragilidades dos vínculos sociais — aspectos diretamente conectados à experiência da hospitalidade.

No cenário nacional, destacam-se as contribuições de Brusadin (2016; 2018) e Bastos (2011; 2015), que analisam a hospitalidade a partir de uma perspectiva crítica e contextualizada à realidade brasileira. Brusadin enfatiza a hospitalidade como elemento estruturante das relações sociais e do desenvolvimento turístico, articulando-a com práticas sustentáveis e territoriais. Já Bastos discute a hospitalidade como manifestação cultural e simbólica, destacando sua interface com identidade, memória e práticas sociais. Ambos os autores reforçam a necessidade de compreender o acolhimento para além da lógica mercadológica, integrando dimensões sociais, culturais e éticas fundamentais para a qualificação dos serviços turísticos e a valorização das experiências nos destinos.

Por fim, Grinover (2006) amplia a compreensão da hospitalidade ao enfatizá-la como um processo de reconhecimento do outro, no qual o hóspede não é percebido apenas como consumidor de serviços, mas como um sujeito que busca pertencimento, acolhimento e bem-estar: “A hospitalidade diz respeito à maneira como os espaços urbanos acolhem as pessoas, favorecendo a convivência, o

encontro e o reconhecimento do outro” (Grinover, 2006, p. 25). O autor compreende a hospitalidade como um fenômeno intrinsecamente relacionado ao espaço urbano e às relações sociais, atribuindo-lhe propriedades que ultrapassam a dimensão do atendimento ou da prestação de serviços, ou seja, a hospitalidade está vinculada à forma como a cidade se organiza para receber, integrar e reconhecer o outro, sendo um elemento essencial na promoção do bem-estar individual e coletivo. Nesse contexto, a hospitalidade manifesta-se por meio de propriedades como acessibilidade, legibilidade dos espaços, segurança, convivência e inclusão, que contribuem para que o indivíduo, seja morador ou visitante, se sinta pertencente ao ambiente em que circula. Nesse sentido, a hospitalidade envolve dimensões simbólicas e sociais que contribuem para a construção de vínculos, para o sentimento de inclusão e para a valorização da alteridade, reforçando seu papel como elemento fundamental na qualificação das relações humanas e na experiência do visitante: “Mais do que um conjunto de serviços, a hospitalidade está relacionada à qualidade das relações sociais estabelecidas no espaço urbano” (Grinover, 2006, p. 32).

O autor destaca ainda que a hospitalidade urbana envolve tanto aspectos materiais, como infraestrutura, mobilidade e equipamentos públicos, quanto aspectos simbólicos, relacionados à identidade, à memória e à forma como os sujeitos são reconhecidos no espaço urbano. Assim, o hóspede deixa de ser entendido apenas como consumidor e passa a ser considerado um sujeito social, cuja experiência é influenciada pela qualidade das relações, pela organização da cidade e pelo modo como o ambiente urbano favorece o acolhimento e a integração social (Grinover, 2006).

Embora os autores compartilhem a compreensão da hospitalidade como um fenômeno complexo e relacional, suas abordagens diferem quanto ao foco analítico. Dessa forma, enquanto Lashley privilegia a experiência e Camargo sistematiza os domínios sociais da hospitalidade, Grinover enfatiza a dimensão territorial e cidadã da hospitalidade, evidenciando que o conceito pode ser analisado a partir de múltiplas escalas, do indivíduo à cidade, sem que essas perspectivas sejam excludentes.

O turismo, por sua vez, surge como fenômeno social e econômico em um momento muito posterior, sendo ligado a marcos temporais da atividade moderna e do capitalismo. Seu marco histórico é frequentemente associado ao *Grand Tour* europeu dos séculos XVII e XVIII, quando jovens aristocratas viajavam pelo continente em busca de cultura e aprendizado (Urry, 1996). No entanto, apenas no século XIX, com a Revolução Industrial, a expansão ferroviária e a consolidação de agências como a de Thomas Cook, o turismo começa a se configurar como atividade organizada e comercial (Barretto, 2003; Trigo, 2002).

No contexto brasileiro, o turismo também é compreendido como um fenômeno complexo que envolve dimensões sociais, culturais, econômicas e territoriais. Beni (2001) define o turismo como um sistema integrado, composto por oferta, demanda, infraestrutura, serviços e relações institucionais, no qual a experiência do turista é resultado da interação entre múltiplos elementos. Nessa mesma perspectiva, Dias (2005) destaca que o turismo deve ser analisado para além de seus impactos econômicos, considerando seus efeitos sociais e culturais sobre as comunidades receptoras.

Para Moesch (2002), o turismo é essencialmente um fenômeno social, marcado por relações simbólicas, representações e experiências vividas pelos sujeitos em deslocamento, o que reforça sua conexão direta com as práticas de hospitalidade. Já Panosso Netto (2011) contribui ao enfatizar a necessidade de uma abordagem epistemológica do turismo, compreendendo-o como campo científico em construção, cujo objeto central está nas relações humanas mediadas pelo deslocamento e pela experiência.

Dessa forma, turismo e hospitalidade se entrelaçam como campos complementares, sendo o acolhimento um elemento fundamental na mediação das relações entre visitantes, destinos e comunidades locais, onde a hospitalidade assume papel central influenciando diretamente a qualidade da experiência turística. Como observa Urry (1996), o turismo moderno está profundamente ligado às formas de olhar, vivenciar e consumir os lugares, o que reforça a importância das práticas de acolhimento na construção de significados e percepções sobre o destino.

Dessa forma, a hospitalidade não apenas sustenta a dimensão comercial do turismo, mas também contribui para sua dimensão simbólica e social, ao promover interações, sentimentos de pertencimento e bem-estar. Assim, turismo e hospitalidade se entrelaçam como campos complementares, nos quais o acolhimento se apresenta como elemento estruturante da experiência turística e da relação entre visitantes, espaços e comunidades locais.

A partir desse referencial teórico, compreende-se que a hospitalidade não se manifesta de forma homogênea, mas assume características próprias conforme os contextos culturais, históricos e territoriais nos quais se desenvolve. No Brasil, essas práticas adquirem contornos singulares, especialmente em regiões onde o acolhimento está profundamente enraizado nas tradições locais. Nesse sentido, a hospitalidade mineira destaca-se como uma expressão cultural marcada pela informalidade, pela pessoalidade e pela valorização do espaço doméstico, elementos que se articulam de maneira particular na cidade histórica de Ouro Preto. Assim, o próximo item dedica-se à análise da hospitalidade mineira e de suas manifestações no contexto de Ouro Preto, buscando compreender como os valores tradicionais de acolhimento se refletem na experiência turística e na relação entre moradores e visitantes.

## **2.2 Hospitalidade mineira e Ouro Preto**

A hospitalidade mineira surge de raízes culturais profundas, influenciadas pela colonização portuguesa, o ciclo do ouro e a herança africana, especialmente em cidades como Ouro Preto, fundada em 1711 como epicentro da mineração. Essa tradição de acolhimento, marcada por generosidade afetiva, transcende o profissionalismo mercantil, como percebido por turistas que destacam o afeto mineiro acima de falhas comerciais. Em Minas Gerais, elementos como a cozinha farta e varandas abertas reforçam laços sociais, conectando o isolamento montanhoso à troca de histórias.

Durante o ciclo do ouro, nos séculos XVII e XVIII, Minas Gerais caracterizou-se por uma ocupação interiorana marcada por caminhos longos, povoamentos dispersos e condições geográficas adversas. Nesse contexto, o acolhimento ao viajante assumia uma função essencial à sobrevivência coletiva. Do

ponto de vista antropológico, hospedar significava estabelecer vínculos temporários de confiança, garantindo abrigo, alimento e proteção. Conforme observa Mello e Souza (1982), a precariedade das rotas e a instabilidade do ambiente minerador forçaram a criação de redes de auxílio mútuo.

Nas Minas, a hospitalidade era uma forma de sociabilidade que respondia à insegurança do cotidiano; receber o outro era, antes de tudo, uma estratégia de proteção mútua em um território onde o isolamento era sinônimo de perigo (Mello e Souza, 1982, p. 114).

A hospitalidade operava, portanto, como uma instituição social informal, regulada por valores como reciprocidade, honra e solidariedade. Para Bastos (2002), essa herança colonial moldou o "ethos" mineiro, transformando a obrigação moral de acolher o estrangeiro em um traço cultural perene que sobreviveu ao fim do ciclo do ouro e se consolidou como um pilar da identidade regional.

A hospitalidade em Ouro Preto não se limita ao espaço físico, mas se manifesta de forma vívida na oralidade, no tempo dedicado à "prosa" e no dialeto mineiro. Essa característica compõe o que a sociologia denomina "hospitalidade linguística", conceito desenvolvido por Paul Ricoeur, que se refere à disposição de acolher o outro por meio da linguagem, utilizando formas de expressão que criam proximidade, confiança e reconhecimento da alteridade. Nesse sentido, o modo de falar, marcado por suavidade, uso de diminutivos e pausas estratégicas, atua como mediador simbólico do acolhimento, desarmando o visitante e estabelecendo uma relação de confiança imediata (Ricoeur, 2005).

Essa forma de ser, reservada mas profundamente acolhedora, é imortalizada na literatura de João Guimarães Rosa, que define a essência de Minas não como uma geografia, mas como um estado de espírito e de escuta: "Minas, o senhor sabe: Minas não é palavra posta, mas palavra dita; não é coisa de mapa, mas coisa de alma. Minas é o espírito e o jeito" (Rosa, 2019, p. 382). Essa "palavra dita" mencionada por Rosa reflete a importância do diálogo no processo de hospitalidade mineira. O anfitrião em Ouro Preto utiliza a conversa como uma ponte, onde o "contar causos" e a gentileza no trato transformam a experiência turística em um encontro humano. Segundo Camargo (2004), a hospitalidade comercial que consegue emular essa hospitalidade doméstica e genuína através da linguagem cria

um diferencial competitivo único, pois o hóspede deixa de se sentir um estranho para se sentir um convidado da cultura local.

Desta forma, a hospitalidade mineira constitui-se como uma prática social historicamente construída, marcada por valores como acolhimento, cordialidade e convivência, profundamente enraizados na formação cultural de Minas Gerais. No estado a hospitalidade pode ser compreendida como “performance cultural” que opera na zona de intersecção entre o domínio privado e o público. Nesse cenário, o anfitrião utiliza elementos da identidade local, como o dialeto e a culinária, para transformar um espaço comercial em um ambiente de acolhimento familiar. Essa fusão de domínios é característica da hospitalidade brasileira, onde a rigidez das fronteiras sociais é suavizada pelo rito da recepção.

A hospitalidade é o conjunto de rituais de interação social por meio dos quais se dá a recepção do outro [...] no domínio doméstico, público, comercial e virtual. É um jogo entre o 'dentro' e o 'fora', onde o ato de receber busca converter o estranho em aliado (Camargo, 2004, p. 15).

Sob essa ótica, autores como Dencker (2003) reforçam que a hospitalidade regionalista não é apenas um serviço, mas uma expressão da identidade do lugar. Sob a perspectiva antropológica, a hospitalidade no Estado pode ser compreendida como resultado das relações de sociabilidade, das formas de ocupação do território e dos valores simbólicos que estruturam a vida cotidiana desde o período colonial. Mais do que um traço folclórico, a hospitalidade configura-se como um sistema de significados, no qual o ato de receber o outro expressa normas sociais, códigos morais e estratégias de convivência.

Em cidades como Ouro Preto, essa performance se manifesta na "prosa" e no "compartilhar da mesa", ferramentas que funcionam como pontes de conexão que humanizam a relação de consumo turístico.

Nesse contexto histórico e ao entender a ligação da hospitalidade ao “compartilhar a mesa” torna-se essencial reconhecer o protagonismo da população negra na constituição dos modos de acolher e conviver em Minas Gerais. Durante o período colonial, especialmente no ciclo do ouro, os saberes associados ao cuidado, à alimentação e à organização do espaço doméstico foram majoritariamente

sustentados por pessoas negras escravizadas, que desempenharam papel central na manutenção das redes de hospitalidade.

Como argumenta Martins (1997), a cultura mineira é atravessada por "performances da memória", onde o saber-fazer das quituteiras e cozinheiras negras de Vila Rica não apenas alimentou o corpo da colônia, mas preservou ritos de ancestralidade e agência cultural. A cozinha, portanto, operou como um quilombo simbólico de acolhimento e resistência, onde ingredientes e modos de preparo serviam de elo entre o passado africano e o presente americano. De acordo com Figueiredo (2013),

O alimento, nas mãos das mulheres negras, tornou-se um instrumento de negociação social e de afirmação de uma identidade que o sistema escravista tentava apagar. A cozinha era o lugar onde a hospitalidade se transformava em poder (Figueiredo, 2013, p. 102).

Essa "hospitalidade do fogão" conecta-se diretamente à ocupação das ruas de Ouro Preto através das ganhadeiras, que comercializavam quitutes e transformavam o espaço público em um local de troca e prosa. Para Cascudo (2004), a doçura e a farta mesa mineira são heranças dessa sensibilidade negra que soube adaptar a técnica europeia à criatividade e aos recursos locais. Assim, ao falarmos de uma "hospitalidade mineira" marcada pelo afeto, estamos, em última análise, reverenciando uma tecnologia de acolhimento desenvolvida por mãos negras. Esse legado é o que sustenta a autenticidade buscada pelo afroturismo contemporâneo, no qual a experiência gastronômica deixa de ser um mero serviço para se tornar um encontro com a memória viva da diáspora.

A partir dessa compreensão, em cidades históricas como Ouro Preto, tais práticas se expressam não apenas nas relações interpessoais, mas também nos modos de receber o visitante, integrando patrimônio, tradição e cotidiano local. Como visto anteriormente, a hospitalidade assume papel central na experiência do visitante, ultrapassando a oferta de serviços e alcançando dimensões simbólicas e afetivas. Em Minas Gerais, essa prática adquire características próprias, conhecidas como hospitalidade mineira, que em Ouro Preto articulam-se com o legado histórico, religioso e cultural da cidade, manifestando-se como elemento diferencial e contribuindo para a construção de experiências autênticas e para a valorização da identidade local.

Conforme retomado por Silva e Brusadin (2016):

O Estado de Minas Gerais caracteriza-se por ser dinâmico em representações sociais e tradições de uso de seus espaços quanto ao modo de viver e conviver de seu povo. A hospitalidade mineira faz-se presente no imaginário social relacionado ao caráter mineiro e seus costumes, que lhe é próprio, tal como representada em diversos roteiros turísticos (...). (Silva; Brusadin, 2014, p. 143).

A reflexão proposta pelos autores contribui para compreender a hospitalidade mineira como parte do imaginário social e das tradições associadas ao modo de viver e conviver da população do Estado. Ao destacar essas representações nos roteiros turísticos, nota-se como a hospitalidade se constitui como prática cotidiana e ainda como elemento simbólico mobilizado pelo turismo. Essa perspectiva reforça a importância de analisar criticamente como tais representações são construídas e quais sujeitos são valorizados nesses discursos.

No contexto do afroturismo, a hospitalidade assume um papel ainda mais significativo, uma vez que se relaciona diretamente com experiências de acolhimento, pertencimento e reconhecimento das identidades negras nos territórios turísticos. Nesse sentido, a hospitalidade no afroturismo em Ouro Preto resgata a filosofia Ubuntu<sup>8</sup>, que significa "sou porque nós somos", na qual a acolhida não é uma transação comercial, mas um reconhecimento da humanidade do outro. Para Silva (2021), o afroturismo em cidades históricas deve romper com a "narrativa do trauma" para focar na "narrativa da celebração" e do pertencimento. Hospedar, sob esta ótica, é um ato político de reexistência, onde o guia ou anfitrião negro retoma o seu lugar de narrador da própria história e guardião de um legado que foi, por séculos, silenciado pela historiografia oficial. Essa prática de "hospedar a própria história" encontra raízes sólidas nas Irmandades de Homens Pretos de Vila Rica, que estabeleceram as primeiras redes de hospitalidade de resistência em Minas Gerais. Diferente da lógica colonial excludente, as irmandades operam sob uma ética de solidariedade coletiva que Furtado (2003) identifica como essencial para a sobrevivência e manutenção da dignidade negra. Ao acolher o irmão de cor, garantir

---

<sup>8</sup> A filosofia Ubuntu é um conceito ético e humanista de origem banto (África Austral) que se traduz, em termos gerais, como "Eu sou porque nós somos". Ela se baseia na premissa de que a humanidade de um indivíduo é realizada através de sua relação e interdependência com os outros. Diferente do pensamento cartesiano ocidental ("Penso, logo existo"), o Ubuntu propõe: "Existo porque pertença". Disponível em: [https://courier-unesco-org.translate.goog/en/articles/i-am-because-you-are?\\_x\\_tr\\_sl=en&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt&\\_x\\_tr\\_pto=tc](https://courier-unesco-org.translate.goog/en/articles/i-am-because-you-are?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc). Acesso: 01 fev. 2026

a alforria ou organizar o banquete das festas do Rosário, essas instituições transformavam a hospitalidade em uma ferramenta de proteção mútua. Portanto, o afroturismo contemporâneo em Ouro Preto não apenas oferece um roteiro de visitação, mas reativa essa antiga tecnologia social de acolhimento, convertendo o espaço urbano em um território de memória viva e celebração da ancestralidade.

Considerar a hospitalidade a partir dessa perspectiva possibilita refletir sobre como essas práticas foram e continuam sendo atravessadas pelas relações raciais, pelas memórias da população negra e pelas dinâmicas de visibilidade e invisibilização nos espaços turísticos. Assim, pensar a hospitalidade em Minas Gerais, e especificamente em Ouro Preto, implica reconhecer o protagonismo histórico da população negra na construção desses modos de receber, conviver e transmitir saberes, elementos centrais para a compreensão do afroturismo enquanto proposta de valorização cultural, memória e identidade.

Dessa forma, a hospitalidade mineira, compreendida como prática social historicamente construída, revela-se profundamente atravessada pelas contribuições da população negra, cujos saberes e modos de viver foram fundamentais para a formação das relações de acolhimento no Estado. Em cidades históricas como Ouro Preto, essas práticas permanecem vivas no cotidiano, na oralidade e no compartilhamento da mesa, constituindo-se como elementos centrais para o desenvolvimento do afroturismo. Ao integrar hospitalidade, memória e identidade, o afroturismo amplia a compreensão do turismo para além do consumo de bens e serviços, reafirmando-o como espaço de encontro, reconhecimento e valorização cultural.

### **3 METODOLOGIA E RESULTADOS DA PESQUISA**

A metodologia adotada neste trabalho foi estruturada com o propósito de possibilitar uma compreensão ampla, sistematizada e fundamentada do fenômeno investigado. Considerando a complexidade do tema e suas múltiplas dimensões sociais, culturais e turísticas, optou-se por um percurso metodológico que integrasse diferentes estratégias de investigação, permitindo analisar o objeto de estudo de forma clara, objetiva e consistente. Nesse sentido, a pesquisa foi desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica, responsável por fornecer o embasamento teórico necessário à construção da análise, articulada a uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa, realizada por meio da aplicação de questionário. A combinação dessas estratégias metodológicas possibilitou não apenas o levantamento e sistematização de conhecimentos já produzidos sobre o tema, mas também a coleta e interpretação de dados empíricos, favorecendo uma análise mais abrangente e aprofundada da realidade estudada.

#### **3.1 Procedimentos Metodológicos**

A metodologia escolhida para este trabalho busca compreender o tema de forma clara e objetiva. Para isso, a pesquisa foi desenvolvida a partir de uma pesquisa bibliográfica e de uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa, realizada por meio da aplicação de um questionário.

A escolha dessas abordagens está relacionada aos objetivos do estudo, uma vez que possibilitam a análise do tema a partir de diferentes perspectivas. A pesquisa bibliográfica contribuiu para a construção do embasamento teórico, auxiliando na compreensão dos conceitos abordados e orientando a elaboração do questionário. Já a pesquisa quali-quantitativa permitiu analisar tanto dados numéricos quanto às percepções dos participantes.

A pesquisa bibliográfica teve como objetivo construir o embasamento teórico do trabalho, permitindo o contato com autores e estudos que tratam de temas relacionados ao afroturismo e à hospitalidade. O levantamento bibliográfico foi realizado a partir da consulta a livros, artigos científicos, trabalhos acadêmicos e outros materiais relevantes para o tema. Essa etapa foi fundamental para a compreensão do objeto de estudo e para orientar as escolhas metodológicas

adotadas ao longo da pesquisa e contribuíram para a construção do referencial teórico e serviram de base para a elaboração do questionário e para a análise dos dados coletados.

De acordo com Gil (1987),

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...] a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto. (Gil, 1987, p. 44-45).

A abordagem quali-quantitativa foi escolhida porque permite analisar dados numéricos e, ao mesmo tempo, compreender as opiniões e percepções dos participantes. Essa abordagem foi adotada por permitir uma análise mais ampla do objeto de estudo, considerando não apenas informações quantitativas, mas também opiniões, experiências e interpretações dos participantes, o que contribui para uma compreensão mais completa do fenômeno analisado. Desta forma, os dados quantitativos possibilitam identificar padrões, frequências e tendências nas respostas, enquanto os dados qualitativos ajudam a compreender melhor as experiências e os pontos de vista dos respondentes.

A combinação dessas duas abordagens contribui para uma análise mais completa do tema, pois os dados quantitativos oferecem uma visão geral dos resultados e os dados qualitativos permitem aprofundar a interpretação das respostas. Dessa forma, é possível compreender o fenômeno estudado de maneira mais ampla. Segundo Schneider et. al. (2017),

A pesquisa qualitativa pode ser apoiada pela pesquisa quantitativa e vice-versa, possibilitando uma análise estrutural do fenômeno com métodos quantitativos e uma análise processual mediante métodos qualitativos. (Schneider et. al., 2017, p. 570).

Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se o questionário, por possibilitar a participação de um maior número de pessoas e facilitar a organização das respostas. O questionário mostrou-se adequado aos objetivos da pesquisa por permitir a coleta de informações de forma estruturada, além de possibilitar o registro das opiniões dos participantes.

Para Bastos et. al. (2023), o questionário consiste em um conjunto de perguntas organizadas de forma lógica, destinado à coleta de informações sobre variáveis e circunstâncias que se deseja medir ou descrever em uma pesquisa científica. Os autores destacam que esse instrumento apresenta importantes potencialidades, como a ampliação do alcance geográfico, a economia de tempo e recursos, a padronização das respostas e a possibilidade de automatização da coleta e análise dos dados, especialmente em sua versão online.

Diante dos objetivos propostos e do contexto da pesquisa, a aplicação presencial do questionário foi considerada adequada, pois possibilitou o contato direto com os participantes, contribuiu para uma maior taxa de resposta e permitiu a coleta de informações mais contextualizadas.

Buscando compreender como os turistas se sentiam recepcionados em Ouro Preto, se tinham acesso aos atrativos voltados ao Afroturismo e como se sentiam diante desse segmento, as perguntas do questionário foram elaboradas com base no referencial teórico da pesquisa, incluindo questões objetivas e abertas. Para conhecer o entrevistado, foi coletado dados como raça/etnia, gênero e local de origem, assim possibilitando mensurar o público atingido. Já buscando entender o que motiva o turista a ir a Ouro Preto, foi perguntado o que os trouxeram à cidade e quais roteiros e atrativos foram visitados, além de como teve conhecimento de tais roteiros escolhidos.

Por fim, para compreender a percepção do visitante em relação à cidade, foi questionado como ele avalia a experiência receptiva e o que motiva a essa resposta, além de questionar seu contato com a presença negra em Ouro Preto, como foi sua experiência e se houve sentimento de representatividade e acolhimento ao explorar seus roteiros.

O questionário foi aplicado presencialmente em diferentes períodos, sendo as primeiras datas escolhidas 11/01/2025 e 12/01/2025, período de férias escolares; posteriormente, as datas de 27/02/2025 a 01/03/2025, parte do recesso de carnaval; e por fim de 01/05/2025 a 04/05/2025 feriado prolongado que também movimenta a atividade turística na cidade. O público-alvo foram visitantes em geral, a fim de obter uma amostra mais diversa e completa. Os participantes foram abordados nos

pontos turísticos, na região central da cidade, sendo eles: Basílica Matriz Nossa Senhora do Pilar, Largo do Rosário, Rua São José e Rua Conde de Bobadela (conhecidas popularmente como Rua dos Bancos e Rua Direita, respectivamente) Museu Casa dos Contos, Praça Tiradentes, Museu da Inconfidência, Igreja São Francisco de Assis, Feira de Artesanato de Ouro Preto (conhecida como Feirinha de Pedra Sabão), Igreja Nossa Senhora do Carmo, Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias e Mina do Bijoca, indicados no mapa abaixo:

**Imagem 1 - Pontos de coleta do questionário no Centro Histórico de Ouro Preto - MG**



Fonte: Elaboração própria a partir do Google Maps (2026).

A aplicação do questionário ocorreu de forma direta, com o preenchimento manual das respostas pelos participantes. Antes do preenchimento, foram apresentadas informações sobre os objetivos da pesquisa e sobre o caráter voluntário e anônimo da participação.

Foram coletadas 60 (sessenta) respostas, quantidade considerada suficiente para a realização da análise proposta. A aplicação presencial contribuiu para facilitar a participação dos visitantes e para esclarecer possíveis dúvidas durante o preenchimento do questionário.

Durante a aplicação do questionário, observou-se, em todas as datas de coleta, certa resistência à participação por parte de alguns indivíduos, manifestada por recusas atribuídas à falta de tempo, desinteresse ou outros motivos. Em muitos casos, a recusa ocorria antes mesmo da apresentação dos objetivos do estudo e do esclarecimento quanto ao caráter anônimo da pesquisa. Ressalta-se, ainda, que houve maior adesão à pesquisa por parte das mulheres e de respondentes com faixa etária mais elevada, os quais, após o preenchimento do instrumento, mostraram-se mais dispostos ao diálogo e à troca de informações.

Após a coleta, os dados foram transcritos para a plataforma Google Forms, com o objetivo de organizar as informações, gerar gráficos e auxiliar na análise dos resultados. Além do uso do site *Mentimeter*<sup>9</sup> para gerar nuvem de palavras associadas às perguntas abertas e discursivas, permitindo uma melhor visualização.

### **3.2 Resultados**

Após análise dos questionários e gráficos, foi possível mensurar que o público alcançado é majoritariamente autodeclarado branco e feminino. Vindo de diversas regiões do país, com predominância do sudeste. Conforme apresentado nas figuras a seguir.

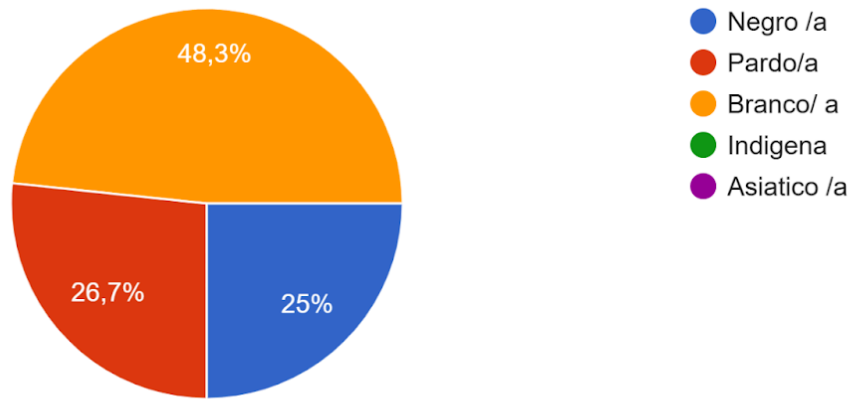
---

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.mentimeter.com/app/home>>.

**Figura 1 - Representação do perfil étnico dos participantes**

Com qual raça etnia você se identifica?

60 respostas

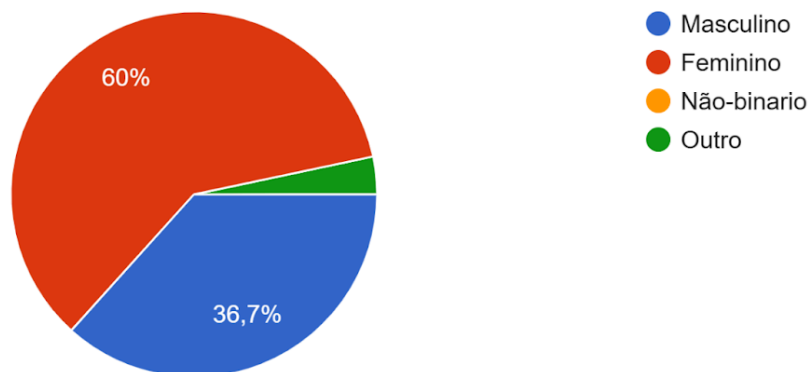


Fonte: Elaborado pela autora (2026).

**Figura 2 - Representação do perfil de gênero dos participantes**

Com qual gênero você se identifica?

60 respostas

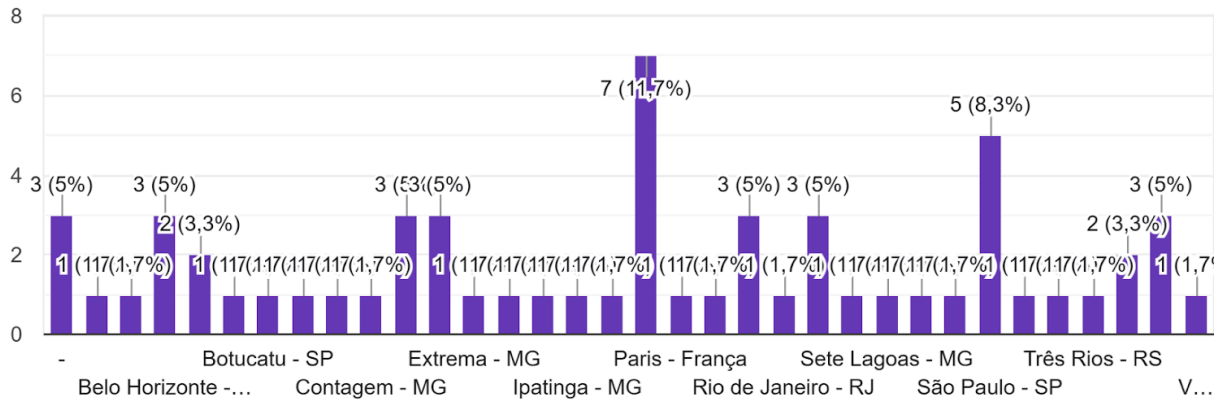


Fonte: Elaborado pela autora (2026).

**Figura 3 - Cidade de origem dos participantes**

De onde você é?

60 respostas

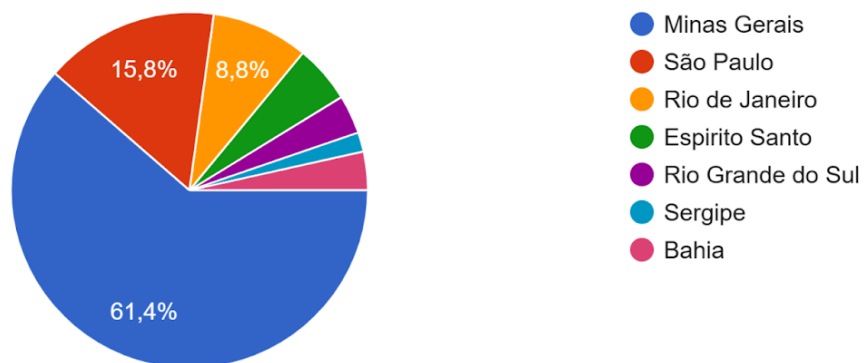


Fonte: Elaborado pela autora (2026).

**Figura 4 - Estados brasileiro de origem dos participantes**

De onde você é? (estados)

57 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Dos participantes, 48,3% visitaram a cidade em busca das atrações voltadas ao turismo histórico-cultural. Considerando os períodos de coleta, destaca-se a grande adesão dos respondentes às atividades ligadas a eventos. Todavia, observa-se um contraste significativo quando apenas 5% dos respondentes

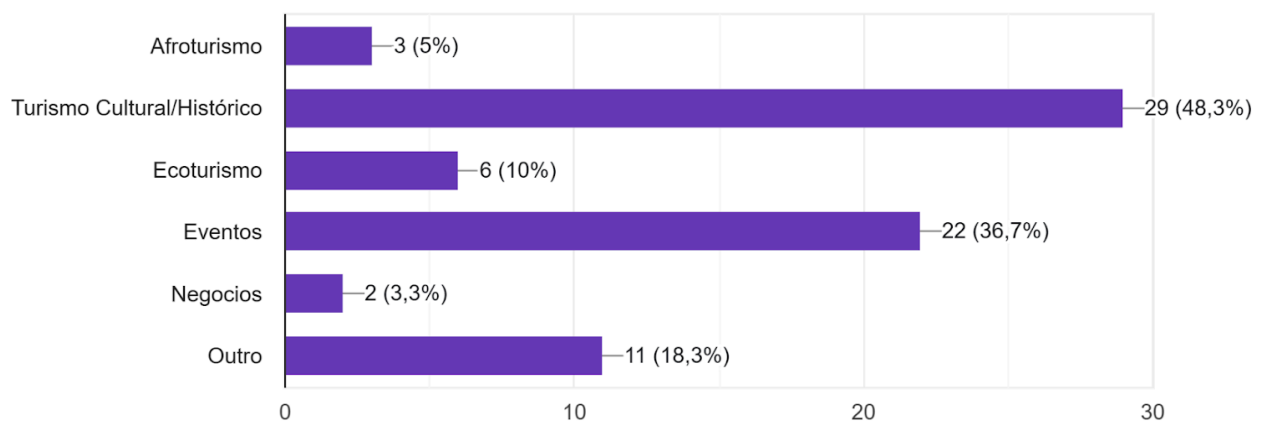
indicaram o afroturismo como foco principal da visita. Esse índice pode evidenciar o pouco conhecimento diante do segmento, ou até mesmo a falta de percepção de sua indissociabilidade do turismo histórico-cultural tradicional.

Esse distanciamento torna-se evidente ao constatar que a grande maioria dos visitantes frequenta igrejas e museus, locais que, embora consolidados no roteiro convencional, constituem pilares fundamentais do afroturismo. Estes espaços não representam apenas a monumentalidade barroca, mas são exemplos materiais da excelência técnica e da força de trabalho das populações escravizadas e libertas, cujo pertencimento moldaram a identidade urbana da cidade. Assim, o baixo interesse declarado no afroturismo sugere que o visitante consome o patrimônio sem, contudo, reconhecer o protagonismo negro intrínseco àquelas construções, reforçando a necessidade de narrativas que integrem a memória da diáspora africana à experiência turística. As figuras a seguir são representações visuais das questões acima analisadas.

**Figura 5 - Motivação dos turistas a visitar a cidade**

O que te trouxe a Ouro Preto?

60 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

**Figura 6 - Nuvem de palavras indicando os roteiros realizados, sendo em letras maiores os que mais se repetem**

Quais roteiros você fez pela cidade?

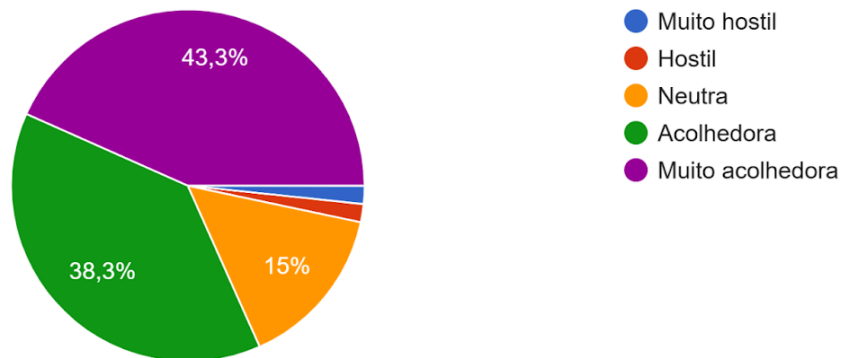


Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Assim como os bens materiais, representados pelas igrejas, museus e parques naturais, o chamado “jeitinho” e a hospitalidade mineira configuram-se como importantes atrativos do destino. Conforme o gráfico abaixo (Figura 7), os dados da pesquisa indicam que 43,3% dos respondentes avaliaram a cidade como muito acolhedora, o que evidencia que a “receptividade”, a “receptividade mineira” e a “receptividade republicana”, conceitos que manifestam-se na análise qualitativa (Figura 8) deste trabalho, são fatores primordiais na construção da experiência turística no território mineiro. Essa hospitalidade regionalista, cujas raízes remontam à formação histórica de Minas Gerais, perpetuou-se no tempo e contribui para moldar o imaginário do turista acerca do que se espera ao visitar Ouro Preto, reforçando que a hospitalidade mineira não é apenas um “algo a mais”, mas um dos pilares que sustenta a imagem de Ouro Preto como destino, ao lado do patrimônio físico. Para o turista, a viagem vai além da contemplação das belezas naturais e arquitetônicas; há uma busca por conforto e satisfação nas trocas humanas e na “prosa” cotidiana. Como bem definem Silva e Brusadin (2016), essa hospitalidade faz parte de um imaginário social onde o “caráter mineiro” e seus costumes funcionam como um elemento simbólico central, capaz de transformar a prestação de um serviço em um verdadeiro encontro cultural.

**Figura 7 - Representação da avaliação dos turistas em relação à receptividade na cidade**

Como você avalia a experiência de receptividade turística em Ouro Preto?  
60 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

**Figura 8 - Nuvem de palavras representando as motivações dos respondentes, sendo em letras maiores os que mais se repetem**

## O que motivou a resposta anterior?



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

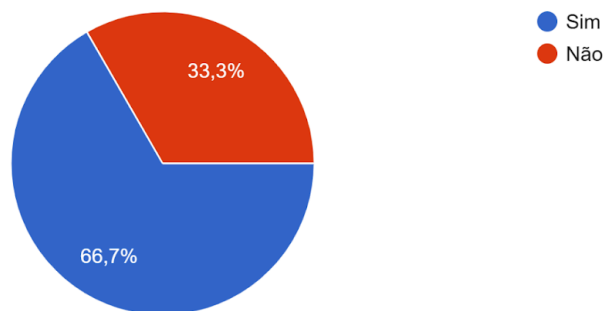
Outro ponto central desta pesquisa diz respeito à representatividade e ao acesso a conteúdos que narram a presença negra em Ouro Preto. Buscou-se traçar um panorama de como os respondentes interagem com esses espaços, que por muito tempo foram ocupados e edificados por esses grupos étnicos. De acordo com a Figura 9, quase 70% dos participantes confirmaram ter tido acesso ou contato

com atrativos ligados a essa história. Esse dado revela que, embora muitos não tenham viajado com o foco direto no afroturismo, como visto anteriormente, houve uma conexão, ainda que subconsciente, com o legado negro da cidade. Essa percepção indica que, muitas vezes, o visitante usufrui do patrimônio afro-referenciado sem identificá-lo como tal, o que pode representar uma lacuna no conhecimento sobre o segmento ou a própria invisibilidade das narrativas negras nos roteiros convencionais.

**Figura 9 - Representação do acesso ou contato dos visitantes aos equipamentos, roteiros ou atrações ligados a história da presença negra**

Durante sua visita você teve acesso ou contato com equipamentos, roteiros ou atrações ligadas à história da presença negra em Ouro Preto?

60 respostas



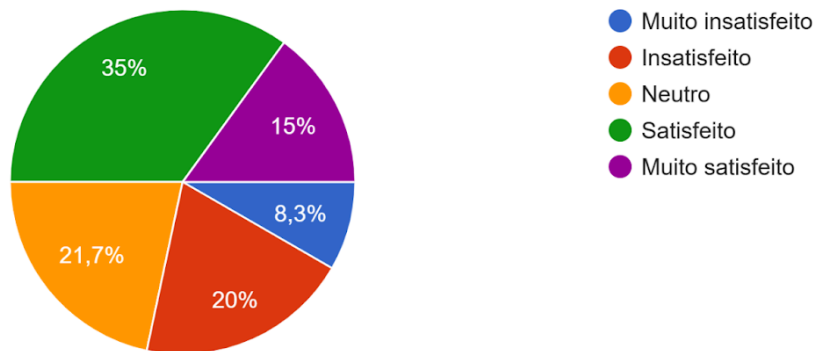
Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Dando continuidade, questionou-se a experiência específica com atrações ligadas à presença negra e o sentimento gerado por esse contato. Os resultados, das Figuras 10 e 11, respectivamente, indicam que 35% dos respondentes sentiram-se satisfeitos e 41,7% concordam ter se sentido representados e/ou acolhidos ao explorar esses roteiros. No entanto, esses dados despertam uma reflexão crítica quando cruzados com o perfil étnico-racial dos participantes, no qual 48,3% autodeclararam-se brancos. O fato de um grupo majoritariamente branco sentir-se representado em roteiros de matriz africana pode sugerir que a narrativa ofertada ainda está sendo transmitida sob uma perspectiva eurocêntrica e de embranquecimento. Como aponta Souza (2022), o racismo estrutural muitas vezes impõe uma versão "oficial" da história que anula o protagonismo dos escravizados e

seus descendentes. Essa satisfação pode indicar, portanto, que o visitante está consumindo uma história romantizada, que silencia as tensões da escravidão em favor de uma estética monumental.

**Figura 10 - Representação da satisfação dos visitantes com as atrações relacionadas à presença negra**

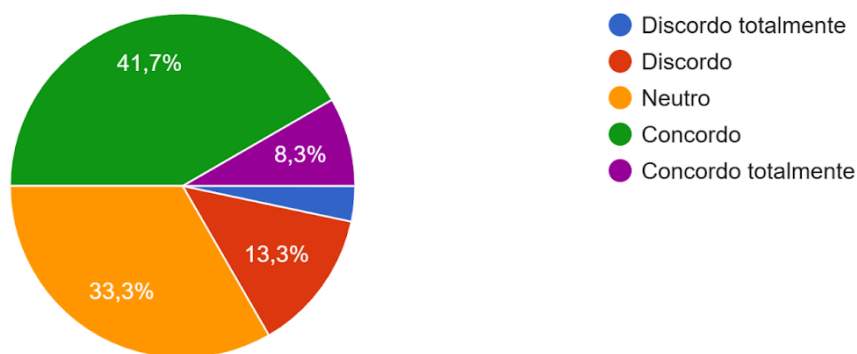
Sobre sua experiência com atrações relacionadas presença negra, como você se sentiu?  
60 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

**Figura 11 - Representação do acolhimento ao explorar os roteiros ligados à presença negra**

Você se sentiu representado/a ou acolhido/a ao explorar roteiros ligados à presença negra?  
60 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

As figuras acima, também podem ser relacionadas ao distanciamento da população negra ao lazer, como já constatado em pesquisas anteriormente citadas. A posição de invisibilidade ou exclusão ocupada pela população negra em uma

cidade cuja formação e demografia são majoritariamente pardas e negras é alarmante. Tal realidade indica que, mesmo diante de um patrimônio edificado que materializa a história e a técnica da diáspora africana, esses espaços ainda não conseguem converter a população afrodescendente em seu público-alvo principal.

Dessa forma, a presente pesquisa evidencia uma contradição presente no território ouro-pretano, na medida em que, embora existam bens materiais passíveis de serem articulados ao Afroturismo, a ausência de incentivos e de políticas efetivas de valorização contribui para a perpetuação de narrativas eurocêntricas e para a manutenção de processos de exclusão social. Na inexistência de um esforço deliberado voltado à descolonização das narrativas e à democratização do acesso simbólico ao patrimônio, esses bens permanecem como cenários silenciosos para grande parte da população. Além disso, o racismo estrutural presente no mercado turístico tende a invisibilizar os interesses, as experiências e as subjetividades da população negra, que raramente se reconhece nas comunicações oficiais ou nos roteiros turísticos tradicionais.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as interfaces entre o afroturismo e a hospitalidade mineira no contexto da cidade histórica de Ouro Preto, à luz das narrativas de memória, identidade e representatividade da população negra nos espaços turísticos. A partir dos dados levantados e da revisão bibliográfica realizada, foi possível evidenciar a existência de uma lacuna estrutural entre o discurso patrimonial hegemônico e as experiências vividas pelos sujeitos historicamente responsáveis pela construção social, cultural e econômica da cidade. Tal lacuna revela que, embora Ouro Preto seja reconhecida como patrimônio cultural da humanidade, a hospitalidade praticada em seus espaços turísticos ainda não contempla, de forma plena, a diversidade de memórias que compõem sua formação.

Nesse sentido, observa-se que a lógica predominante de consumo patrimonial permanece orientada por um olhar externo e eurocêntrico, que privilegia monumentos, estéticas e narrativas oficiais, em detrimento da valorização das contribuições africanas e afro-brasileiras. Essa dinâmica reforça processos de invisibilização histórica, nos quais a população negra é frequentemente representada de maneira secundária ou estereotipada, apesar de seu protagonismo na constituição material e simbólica da cidade. Assim, o patrimônio, quando dissociado da memória social e das identidades locais, torna-se um produto turístico descontextualizado, enfraquecendo seu potencial educativo, crítico e emancipador.

Os resultados da pesquisa permitem afirmar que o simples acesso físico aos bens patrimoniais não assegura, por si só, uma experiência turística inclusiva ou o reconhecimento do protagonismo negro na história de Ouro Preto. Tal constatação evidencia a necessidade de repensar os modelos de gestão turística, incorporando políticas públicas que promovam a valorização das narrativas negras e a participação ativa das comunidades locais nos processos de construção, mediação e difusão da memória. A hospitalidade, nesse contexto, deve ser compreendida não apenas como prática de acolhimento, mas como um fenômeno social e cultural que envolve reconhecimento, pertencimento e troca simbólica, alinhando-se à perspectiva da hospitalidade como dádiva e relação.

Dessa forma, iniciativas de base comunitária, como o Circuito Palma Preta, assumem papel central na ressignificação dos espaços urbanos e na reconstrução de narrativas historicamente silenciadas. Ao promover o afroturismo como prática de valorização cultural, tais projetos contribuem para transformar a cidade em um território de “reexistência”, no qual memória, identidade e resistência se articulam como elementos constitutivos da experiência turística. O afroturismo, portanto, emerge como uma estratégia capaz de tensionar o modelo tradicional de turismo patrimonial, propondo uma abordagem mais ética, inclusiva e socialmente comprometida.

No que se refere às limitações da pesquisa, destaca-se a adesão reduzida ao questionário aplicado, bem como o baixo número de participantes autodeclarados negros, o que impacta a representatividade dos resultados obtidos. Além disso, o perfil do público participante indica a necessidade de ampliar o alcance metodológico em investigações futuras, contemplando diferentes recortes sociais, étnico-raciais e territoriais, a fim de aprofundar a compreensão sobre as múltiplas percepções que atravessam os espaços turísticos de Ouro Preto.

Como desdobramentos para pesquisas futuras, sugere-se investigar e compreender a presença majoritária de pessoas brancas nos espaços associados ao afroturismo, explorando seus sentimentos, percepções e formas de interação com as narrativas negras. Recomenda-se, ainda, a investigação da análise crítica das narrativas transmitidas nos atrativos turísticos da cidade, avaliando se estas promovem uma leitura plural da história ou se reproduzem discursos patrimoniais excludentes. Estudos comparativos com outras cidades históricas brasileiras podem, igualmente, contribuir para o aprimoramento de práticas turísticas mais inclusivas e representativas.

Por fim, destaca-se que o afroturismo desempenha um papel fundamental na recuperação e reinterpretação de memórias históricas, ao propor um redirecionamento do olhar sobre o passado, especialmente no que diz respeito à escravidão e às suas consequências estruturais. Ao valorizar roteiros que incluem quilombos, espaços de resistência negra e locais marcados pela presença africana e afro-brasileira, o afroturismo possibilita reflexões críticas sobre as injustiças históricas e seus impactos contemporâneos. Dessa maneira, contribui para a

construção de uma memória coletiva mais justa e plural, na qual o sofrimento, a luta e as contribuições do povo negro são reconhecidos como partes indissociáveis da formação histórica, cultural e identitária do Brasil, fortalecendo o papel do turismo como instrumento de educação, conscientização e transformação social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Ivan Rêgo. Turismo étnico e cultural: a coroação da rainha das taieiras como atrativo turístico potencial em Laranjeiras (SE). **Caderno Virtual de Turismo**, [S. l.], v. 15, n. 2, 2015. Disponível em: <<https://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/article/view/1002>>. Acesso em: 12 jan. 2026.

ARAÚJO DE OLIVEIRA, Natália. Negros e Turismo: Análise da Produção Acadêmica sobre o Tema em Revistas Vinculadas aos Programas de Pós-Graduação em Turismo no Brasil. **Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, [S. l.], v. 13, n. 1, 2021. Disponível em: <<https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/8480>>. Acesso em: 25 set. 2025

\_\_\_\_\_. Precisamos falar sobre racismo no turismo. **Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 11, n. 2, p. 267-280, 2021.

\_\_\_\_\_. Representação e representatividade dos negros em uma revista de turismo de luxo do Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, [S. l.], v. 16, p. 2325, 2022. DOI: 10.7784/rbtur.v16.2325. Disponível em: <<https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/2325>>. Acesso em: 23 out. 2025.

BARBOSA, Solange. Afroturismo, uma tendência mundial. WTM Global Hub, 19 nov. 2021. Disponível em: <<https://hub.wtm.com/pt/artigos/turismo-social-e-comunitario/afroturismo-uma-tendencia-mundial/>>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 13.ed. rev. e atual. Campinas: Papirus, 2003.

BARRETTO, Margarita. Turismo e sociedade. São Paulo: Aleph, 2003.

BASTOS, Rodrigo. **A ordem do lugar**: uma leitura do espaço urbano e da arquitetura de Vila Rica. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 6. ed. São Paulo: Senac, 2001.

BRUSADIN, L. B. Entrevista: O Estudo da Hospitalidade por Luiz Octávio de Lima Camargo: epifania da dádiva. **Revista Hospitalidade**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 242–247, 2016. Disponível em: <<https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/view/614>>. Acesso em: 11 jan. 2026.

\_\_\_\_\_. Os paradoxos do acolhimento em Minas no século XIX de acordo com a literatura de viagem: hospitalidade e hostilidade. **Caderno Virtual de Turismo**, [S. l.], v. 18, n. 3, 2019. DOI: 10.18472/cvt.18n3.2018.1359. Disponível em: <<https://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/article/view/1359>>. Acesso em: 12 jan. 2026.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. 2. ed., rev. São Paulo: Editora Aleph, 2004.

\_\_\_\_\_. Hospitalidade, turismo e lazer. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 1–15, 2019. DOI: 10.7784/rbtur.v13i3.1749. Disponível em: <<https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/1749>>. Acesso em: 12 jan. 2026.

\_\_\_\_\_. Os domínios da hospitalidade. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (org.). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. p. 15–28.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia da alimentação no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2004.

CASTRO, Maria Fernanda Rodrigues de. **O afroturismo em Ouro Preto – MG: um novo olhar sobre a história, cultura e tradições negras**. 2023. 112f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2023. Disponível em: <<https://monografias.ufop.br/handle/35400000/5725>>. Acesso em: 17 set. 2025

Coutinho, B; Baptista, M. M. De Belém ao Tarrafal: O turismo negro como veículo de narrativas múltiplas (pós-)coloniais. In.: M. M. Baptista & S. V. Maia (Eds.), **Colonialismos, Pós-colonialismos e Lusofonias - Atas do IV Congresso Internacional em Estudos Culturais**. Aveiro: PDEC. 2014. p. 579-588. Disponível em: <<https://repositorium.uminho.pt/entities/publication/05334987-c4e3-4305-b48a-42f44b340e6a>>. Acesso em: 19 jun. 2025

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 2003. 286 p.

DIAS, Márcia. **Turismo e Patrimônio Cultural: A preservação de lugares de memória da resistência negra**. [S.l.]: [Editora/Instituição], 2016.

DIAS, Reinaldo. **Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2003. 226 p. ISBN 8522435952.

EVANGELISTA, Du. Afroturismo como ferramenta de empoderamento e renda. [Entrevista cedida ao Portal Sebrae]. In: SEBRAE. **Afroturismo: um mercado de oportunidades e representatividade**. Brasília, DF: Sebrae Nacional, 2021. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/afroturismo-um-mercado-de-oportunidades-e-representatividade> Acesso em: 28 mar 2025

FERREIRA, B.; CASAGRANDE, E. E. O Negro no Turismo: Uma Análise sobre a Ausência de Turistas Negros em Espaços e Equipamentos Turísticos. In: Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), XV., 2018, São Paulo. Anais. São Paulo: ANPTUR, 2018.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo da Silva. **Culinária e Identidade: o papel da mulher negra na formação da mesa brasileira**. Salvador: Edufba, 2013.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador dos diamantes**: o outro lado do mito. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GRINOVER, L. A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. **Revista Hospitalidade**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 29–50, 2006. Disponível em: <<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/191>>. Acesso em: 11 jan. 2026.

\_\_\_\_\_. A HOSPITALIDADE NA PERSPECTIVA DO ESPAÇO URBANO. **Revista Hospitalidade**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 4–16, 2010. Disponível em: <<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/214>>. Acesso em: 12 jan. 2026.

\_\_\_\_\_. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: Celia Maria de Moraes Dias. (Org.). **Hospitalidade: Perspectivas e Reflexões**. São Paulo: Manole, 2002, v. 1, p. 1-164.

GURAN, Milton. Sobre o longo percurso da matriz africana pelo seu reconhecimento patrimonial como uma condição para a plena cidadania. In.: SCHLEE, Andrey Rosenthal (org.). **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 35, p. 213–226, 2017.

KÖHLER, André Fontan; DURAND, José Carlos Garcia. Turismo cultural: conceituação, fontes de crescimento e tendências. **Turismo: Visão e Ação**, v. 9, n. 2, p. 185–198, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/204>>. Acesso em: 31 out. 2025

LASHLEY, C. Hospitalidade e hospitabilidade. **Revista Hospitalidade**, [S. l.], p. 70–92, 2015. Disponível em: <<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/566>>. Acesso em: 11 jan. 2026.

LASHLEY, Conrad, LYNCH, Paul, MORRISON, Alison (eds). **Hospitality: a social lens**. Oxford: Elsevier, 2007.

LIMA, Patrícia Ferreira de Souza; THOMAZI, Nicolly Barreto. Revitalizar a memória negra em Petrópolis/RJ e Salvador/BA pelo Turismo. **Anais Fórum Internacional de Turismo do Iguaçu, Foz do Iguaçu**, 15 ed., p. 1–18, 2021. Disponível em: <<https://www.sisapeventos.com.br/deangeli/wiew/inscription/submission/files/4/484-2189-7.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2025

LUCHESE, Dante. Resenha de: CASTRO, Yeda Pessoa de. **A língua mina-jêje no Brasil**: um falar africano em Ouro Preto de Minas, XVIII–XIX. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Secretaria da Cultura do Estado de Minas Gerais, 2001. *Revista*, p. 171–179, 2004. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0102-44502004000100008>>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/delta/a/rzDNsrDK9nnhsNxnKd4R6pb/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 17 set. 2025

MACIEL, Daniela. Afroturismo resgata protagonismo negro em Minas Gerais. *Diário do Comércio*, Belo Horizonte, 3 jun. 2025. Disponível em:

<<https://diariodocomercio.com.br/negocios/afroturismo-resgata-protagonismo-negro-minas-gerais/>>. Acesso em: 19 out. 2025.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: o reinado do Rosário do Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MATTOS, Hebe; ABREU, Martha; GURAN, Milton (orgs.). **Por uma história pública dos africanos escravizados no Brasil**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2014.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. *In.*: **Sociologia e antropologia**. Neves, Paulo (Trad.). São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 183-314.

MELLO E SOUZA, Laura de. **Desclassificados do Ouro**: a pobreza mineira no século XVIII. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002. 140 p. ISBN 9788572441551.

MUDIMBE, Valentin-Yves. **A invenção da África**: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Tradução de Ana Maria Lopes. Petrópolis: Vozes, 2019.

RAMOSE, Mogobe B. A ética do ubuntu. *In.*: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. WEN, Éder Carvalho (Trad.). New York: Routledge, 2002, p. 324-330. Disponível em: <[https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/mogobe\\_b.\\_ramose\\_-\\_a\\_%C3%A9tica\\_do\\_ubuntu.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/mogobe_b._ramose_-_a_%C3%A9tica_do_ubuntu.pdf)>. Acesso em: 11 jan. 2026

NASCIMENTO, D. M. C. A espetacularização da negritude: exotização e consumo no mercado contemporâneo. São Paulo: **Oralituras**, 2019.

NASCIMENTO, T. L.; SILVA, M. A. Turismo, consumo e população negra no Brasil: uma análise a partir de dados do Global Entrepreneurship Monitor (GEM). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 1–18, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 2 fev. 2026.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7–28, dez. 1993.

PANOSSO NETTO, Alexandre. *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph, 2011.

PARÉS, L. N. Escravidão, pós-Abolição e a política da memória. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 49, 2014. DOI: 10.9771/aa.v0i49.21329. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21329>>. Acesso em: 22 set. 2025

PERTES, J. C. *Afroturismo e consumo: a subjetividade negra no contexto das viagens*. São Paulo: USP, 2021

QUEIROZ, Lúcia Maria Aquino de; FARIA, Diomira Maria Cicci Pinto. A festa de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, o congado e a economia do turismo em Ouro Preto. **XV ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA (ENECULT)**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2019. Disponível em: <<https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111437.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2025

RAMALHO, Walderez Simões Costa. **A historiografia da mineiridade: trajetórias e significados na história republicana do Brasil**. 2015. 170f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/items/006cd4cb-26c2-4f8b-9a3c-fb2af3f75def>>. Acesso em: 15 jan. 2026

RAMOS RODRIGUES, G. A propósito da hospitalidade em Minas Gerais. **Revista Hospitalidade**, [S. l.], v. 22, p. 1253, 2025. DOI: 10.29147/revhosp.v22.1253. Disponível em: <<https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/view/1253>>. Acesso em: 11 jan. 2026.

REZENDE, João Victor Fernandes. **Turismo LGBTQIAP+**: uma análise na cidade de Ouro Preto. 2023. 54 f. (Bacharelado em Turismo) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2023. Disponível em: <[https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/5831/6/MONOGRAFIA\\_TURISMO\\_LGBTQIAPAn%C3%A1lise.pdf](https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/5831/6/MONOGRAFIA_TURISMO_LGBTQIAPAn%C3%A1lise.pdf)>. Acesso em: 29 set. 2025

RODRIGUES, Denise dos Santos. **Cidade em preto e branco: turismo, memória e as narrativas reivindicadas da São Paulo Negra**. 2021. 144f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100140/tde-23042021-120824/pt-br.php>>. Acesso em: 19 set. 2025

SILVA, Beatriz Flexa Ribeiro Proença Gomes da; BRUSADIN, Leandro Beneditini. A HOSPITALIDADE MINEIRA CONTEMPORÂNEA SOB A PERCEPÇÃO DOS TURISTAS EM OURO PRETO (MG): GENEROSIDADE X PROFISSIONALISMO MERCANTIL?. **TURYDES Turismo y Desarrollo Local Sostenible**, [S. l.], v. 9, n. 20, 2016. Disponível em: <<https://revistaturydes.com/index.php/turydes/article/view/1134>>. Acesso em: 12 jan. 2026.

SILVA, Billy. Afroturismo: o despertar de um novo olhar. São Paulo: Publicação Independente/Editora do Autor, 2021.

SILVA, M.; ALMEIDA, L. H. O protagonismo negro no turismo: uma análise sobre a (in)visibilidade em destinos brasileiros. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo (RBTur)*, v. 13, n. 2, p. 55-72, 2019.

SILVA, M.; REIS, R. S. O racismo institucional no turismo: uma análise sobre a invisibilidade e marginalização do negro. In: VII Encontro de São Lázaro, 2017, Salvador. Anais... Salvador: UFBA, 2017.

SOUZA, M. J.; COSTA, R. A. Turismo e a herança colonial: uma análise sobre a eurocentricidade nos roteiros de Minas Gerais e São Paulo. *Revista de Turismo Contemporâneo (RTC)*, v. 8, n. 1, p. 112-131, 2020.

SOUZA, Julia Pontes de. **O afroturismo no mercado brasileiro**. 2022. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <[https://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/tcc/o\\_afroturismo\\_no\\_mercado\\_brasileiro\\_juliasouza\\_rev.pdf](https://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/tcc/o_afroturismo_no_mercado_brasileiro_juliasouza_rev.pdf)>. Acesso em: 18 set. 2025

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo: como aprender, como ensinar**. 3. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2003. ISBN 8573591838.

\_\_\_\_\_. **Turismo e Qualidade: Tendências Contemporâneas**. 6a. ed. Campinas: Papirus Editora, 1993. v. 01. 120p.

GODOI, Luiz Gonzaga; PANOSSO NETTO, Alexandre. Ethnical Afro Tourism in Brazil. **Revista de Estudos Culturais**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1–18a, 2014. DOI: 10.11606/issn.2446-7693i1p1-18a. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/revistaec/article/view/98375>>. Acesso em: 12 jan. 2026.

URRY, John. **The tourist gaze: leisure and travel in contemporary societies**. London: Sage, 1996.

VIANA, Luiz Cláudio Alves. **O turismo étnico afro na Mina Du Veloso: um estudo do equipamento interpretativo do patrimônio de Ouro Preto/MG**. 2021. 175f. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável) – Escola de Arquitetura e Design, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/items/7b8b028e-2ce5-4efd-bfb4-b4e21ed4dde7>>. Acesso em: 24 set. 2025